



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**ENTRE “*ELEVENS*”, “*MATCHES*” E “*GOALS*”: ASPECTOS DO
FUTEBOL SERGIPANO NA SEGUNDA GUERRA (1939-1945)**

GLAUCO FERREIRA GOMES

São Cristóvão

2022

**ENTRE “ELEVENS”, “MATCHES” E “GOALS”: ASPECTOS DO
FUTEBOL SERGIPANO NA SEGUNDA GUERRA (1939-1945)**

GLAUCO FERREIRA GOMES

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
História da Universidade Federal de
Sergipe para a obtenção do título de
licenciado em História.**

**Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido S.
Maynard**

São Cristóvão

2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, dedico este trabalho a minha mãe, Ivone Cristina, e a meu pai, Carlos Cleber, por todo apoio, carinho, paciência e amor dedicado, e por sempre fazerem o possível para me proporcionar uma educação digna, e fundamental para minha formação. Também agradeço a minha irmã, Letícia, que amo muito, e cuja existência me ajuda a ser uma pessoa mais responsável e melhor.

Agradeço a meus amigos Simas e Milena, pelo companheirismo, compreensão e pelos momentos de alegria proporcionados durante esta trajetória acadêmica, seja no curso, e na Residência Pedagógica. Sem vocês, chegar até aqui seria bem mais difícil do que foi, e talvez isso nem fosse possível. Além disso, não posso deixar de citar Janaína, e como sua amizade e apoio foram fundamentais, principalmente nesses difíceis tempos de pandemia.

A minha família, em especial as minhas avós, e a minha tia e madrinha, Cinthya, pela sua enorme contribuição em minha educação, e por ser uma grande fonte de inspiração.

Gostaria de registrar também a importância do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, onde pude estagiar e acessar importantes materiais para elaborar esta pesquisa. À professora Aglaé, Rosângela, Júlio, Josi, Seu Zé Carlos e Milena (parceira de graduação e estágio), o meu muito obrigado por tudo.

Agradeço a meu orientador Dilton Maynard, pelos conhecimentos passados, pela compreensão e suporte disponibilizado, assim como, pelo Grupo de Estudos do Tempo Presente, que sob sua coordenação, possibilitou discussões e textos de grande importância para esta monografia.

Obrigado a todos os meus professores, desde os anos iniciais na escola, até a graduação. Pela dedicação e perseverança, mesmo em um país que não valoriza seus educadores.

Agradeço a Deus, pela minha saúde, e daqueles que amo.

E agradeço a mim mesmo, por ter continuado mesmo em um período tão complicado, para todos. Este não é o melhor trabalho já feito, mas é o melhor que eu pude fazer.

A você, leitor, pela sua atenção, obrigado!

A partida já vai começar.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de abordar os aspectos do futebol sergipano durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O esporte, neste contexto, assumia uma função de entretenimento e distração para a população, em especial após os torpedeamentos por parte de um submarino alemão a navios nacionais entre a costa de Sergipe e Bahia.

Assim como, as partidas tanto da capital como do interior, serviam como um espaço de liberdade de ações e protestos contra a censura do governo Vargas. Foram analisados os clubes, campeonatos e jogadores do período e seu papel naquele referido contexto, além do cotidiano do estado, em especial de Aracaju, durante os anos 1930 e 1940, e os movimentos iniciais do futebol em Sergipe. Para a realização da pesquisa, foram utilizados os jornais Correio de Aracaju, Folha da Manhã e O Nordeste. Por fim, foi possível concluir que esta modalidade esportiva adquiriu grande importância em um cenário de guerra mundial e do regime do Estado Novo.

Palavras Chave: Futebol; Sergipe; Segunda Guerra Mundial;

ABSTRACT

The present work aims to address aspects of Sergipe football during the World War II (1939-1945). Sport, in this context, assumed a function of entertainment and distraction for the population, especially after the torpedoes by a German submarine to national ships between the coast of Sergipe and Bahia. As well as the departures from both the capital and the interior, they served as a space for freedom of actions and protests against the censorship of the Vargas government. The clubs, championships and players of the period and their role in that context were analyzed, in addition to the daily life of the state, especially in Aracaju, during the 1930s and 1940s, and the initial movements of football in Sergipe. To carry out the research, the newspapers Correio de Aracaju, Folha da Manhã and O Nordeste were used. Finally, it was possible to conclude that this sport acquired great importance in a scenario of world war and the Estado Novo regime.

Keywords: Football; Sergipe; Second World War;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	12
SERGIPE DURANTE OS ANOS 30 E 40.....	12
1.1- ESPAÇOS DE LAZER, ECONOMIA E FUTEBOL	12
1.2- TORPEDEAMENTOS NA COSTA SERGIPANA	16
1.3- FUTEBOL E ESTADO NOVO	19
CAPÍTULO 2	25
A FORMAÇÃO DOS CLUBES, OS CAMPEONATOS E A GUERRA	25
2.1. MOVIMENTOS INICIAIS DO FUTEBOL SERGIPANO.....	25
2.2 A CRIAÇÃO DOS CLUBES FUTEBOLÍSTICOS E A DIFUSÃO DO ESPORTE EM SERGIPE.....	26
2.3. A GUERRA COMEÇA, E O FUTEBOL SERGIPANO CONTINUA	32
CAPÍTULO 3	38
HISTÓRIAS DO FUTEBOL SERGIPANO	38
3.1- OS CRACKS DO JOGO	38
3.2 – A EXPERIÊNCIA FUTEBOL: CONFLITOS E SENTIMENTOS.....	46
CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
FONTES	55

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial foi marcada por um conflito bélico em escalas globais, acarretando em profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais no decorrer do século XX. Após as imposições do Tratado de Versalhes, que responsabilizou a Alemanha pela guerra, o país passou por sérias dificuldades. Nesse contexto, segundo Oliveira (2015), Adolph Hitler soube aproveitar o clima de ressentimento da classe média alemã para introduzir seus ideais nazistas na nação, e conduzir o seu Reich em direção a mais um embate militar de grande escala, dessa vez, em proporções ainda maiores do que a Primeira Grande Mundial, em se tratando de países envolvidos, armamentos e destruição.

No Brasil, os ecos da guerra foram sentidos em solo sergipano, devido aos torpedeamos dos navios Araraquara, Aníbal Benévolo, Baependy, Itagiba e Arará, entre a costa da Bahia e Sergipe, dos dias 16 e 17 de agosto de 1942. O ataque provocado pelo submarino alemão U-507, sob o comando do Capitão-de-Corveta, Harro Schachth, gerou revolta, espanto e surpresa por parte da população local, e posteriormente, nacional (MAYNARD, 2011). Com as mortes geradas pelos ataques, Getúlio Vargas transmite a declaração de guerra à Alemanha em 31 de agosto do mesmo ano. A partir daí, o país passou a sofrer as consequências do conflito, como a escassez e aumento dos preços de produtos como a gasolina, e de gêneros alimentícios. No âmbito cultural, os filmes norte-americanos passaram a ganhar cada vez mais espaço nos cinemas nacionais.

A guerra também exerceu sua influência no cenário esportivo, em especial no futebol. Nesse sentido, Pardini (2009), aborda como o contexto bélico presente durante o governo varguista ajudou na organização, por meio da militarização, tanto da sociedade como do futebol. Assim, em seu trabalho “*A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol e imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)*”, a autora descreve semelhanças existentes entre o esporte bretão, e a guerra, como as estratégias utilizadas durante o jogo, os uniformes, os cantos de motivação que são entoados, assim como, determinados termos utilizados para designar determinado atleta, como por exemplo, a função de “capitão”, dentro das partidas (PARDINI, 2009). Uma mostra dessa interferência, foi o Decreto-lei número 12.758, de 17 de junho de 1942, que proibia a participação de cidadãos naturais de países pertencentes ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em torneios esportivos no Brasil (PARDINI, 2009).

Santos (2012) também fala sobre as similaridades entre o esporte e a guerra, já que em ambos é possível ver os embates entre as equipes e os atletas, e segundo o autor, o esforço por sair vitorioso na partida, se assemelha a vencer um confronto no campo de batalha. Nesse sentido, era comum nos jornais sergipanos durante o período da Guerra, a presença nas matérias das partidas entre os clubes do estado, termos como “combatentes”, “embates”, “lutas”, para se referirem as ações realizadas no campo de jogo (MAYNARD, 2011). Assim, o presente trabalho tem o objetivo de abordar o futebol sergipano durante os anos de 1939 a 1945, sua organização em nível de campeonatos, clubes, assim como o papel dessa modalidade esportiva para a população sergipana neste período. Além disso, analisar quais foram, ou não, as interferências o conflito bélico exerceu nas atividades futebolísticas sergipanas, naquele momento.

Portanto, a respeito do futebol durante os anos 1930 e 1940 em Sergipe, especialmente no contexto da Segunda Guerra Mundial, identificamos produções que abordam o esporte, inserido no cotidiano dos sergipanos no período em que ocorreu o maior conflito do século 20. Assim, No livro “Roteiro de Aracaju” (1955), Mário Cabral aborda pontos específicos que compõem a história da capital do Estado, até o ano de 1955. Sobre o futebol, fornece informações a respeito das primeiras partidas disputadas nas praças públicas, de torcedores conhecidos, dos clubes que continuavam disputando o campeonato local e daqueles que deixaram de existir, além de jogadores que marcaram época no cenário futebolístico aracajuano. Também, recorda partidas importantes do selecionado sergipano no campeonato brasileiro de futebol e a criação da Federação Sergipana de Desportos.

Também, Ariosvaldo Figueiredo, no 3º volume da sua “História Política de Sergipe” (1989), aborda os anos de 1935 a 1954, período de tempo que compreende o governo de Eronildes Ferreira de Carvalho até o de Leandro Maciel, narrando os eventos ocorridos no cenário político, social e cultural do estado. Figueiredo narra brevemente, como o futebol era uma distração para a população, que comparecia aos estádios, tanto ao Adolfo Rolemberg, na capital, com os jogos dos populares e tradicionais Sergipe e Cotinguiba, assim como ao Gonçalo Prado, em Maruim, destacando o Esporte Clube Socialista e Atlético Clube Ipiranga. Já Murilo Melins, em “Aracaju romântica como vi e vivi” (2007), recorda suas memórias sobre diversos aspectos da capital sergipana dos anos 40 e 50. A respeito do futebol, Melins constrói um capítulo sobre os clubes na capital, inclusive aqueles que possuíam quadros esportivos, como o Cotinguiba e o Sergipe, e outros como Vasco e a Associação Atlética de Sergipe. O autor fala sobre os

setores da sociedade que os frequentavam, os seus dirigentes, as suas respectivas conquistas nas diferentes modalidades esportivas que possuíam.

Também Dilton e Andreza Maynard no artigo “Dias de Luta: Traços do cotidiano em Aracaju” (2009), discorrem sobre vários aspectos da vida na capital sergipana de 1939 a 1945, e como ela foi afetada pelo conflito mundial. Nesse contexto, são citados os esportes e como o governo Vargas os utilizava na tentativa de disciplinar e padronizar a população, especialmente o futebol. Esse, que assim como os cinemas, eram uma importante forma de lazer no período, também foi influenciado de alguma maneira pela guerra. Seguindo nesse caminho, Thomas Medrado, em sua dissertação de mestrado, intitulada “O voo do dragão: Futebol profissional, elites sergipanas e a Associação Desportiva Confiança “ (2020), pesquisa o processo de profissionalização do futebol sergipano baseado em uma visão sociológica. Neste trabalho, o autor aborda a relação entre Estado e esporte, retratando o surgimento do futebol em Sergipe a partir de uma análise que abrange desde o ano de 1907 até 1960.

Por fim, no livro “Lugares, personagens e outras coisas de Sergipe” (2021), organizado por Dilton C. S. Maynard e Vivian Monteiro, Maynard aborda informações a respeito da fundação, organização e características gerais dos dois clubes mais populares e vitoriosos do futebol sergipano: o Sergipe e o Confiança. Também na mesma obra, Priscila Antônia dos Santos enfoca sobre o campo de futebol Adolfo Rollemberg, que foi a principal praça esportiva de Aracaju nas décadas de 1920 até 1940, abrigando grandes partidas de futebol, voleibol, basquete, entre outras modalidades. O estádio possui mais de cem anos e ocupa um importante espaço na história do esporte sergipano.

A pesquisa foi realizada através da utilização de jornais que compreendem o período de 1939 a 1945, como o *Correio de Aracaju*, *Folha da Manhã* e *O Nordeste*, estando disponíveis no acervo físico e digital do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Neles, estão presentes matérias a respeito da realização de partidas, torneios futebolísticos e escalações dos times, assim como, notícias que evidenciam a adesão da população a eventos esportivos, no caso desta pesquisa, relacionados a prática do futebol, que em muitos casos eram promovidos pelo próprio estado.

Em relação aos jornais, o *Correio de Aracaju* foi fundado em 2 de outubro de 1906 por Oliveira Valadão, com sua primeira edição sendo lançada em comemoração a emancipação política de Sergipe em relação a Bahia. Era matutino, e em 1914, o jornal se tornou parte do Partido Conservador de Sergipe. Possuía como características, a defesa ao regime republicano federalista e a elevação da moral e política de Sergipe. No ano de

1945, a direção estava a cargo de Luiz Garcia e o Redator-Chefe era Zózimo Lima. Também, sua sede estava situada na av. Rio Branco nº 34, sendo que as principais partes do periódico eram: “Fatos Policiais”, “Correio Judiciário”, “Nem todos sabem”, “Indicador Profissional”, “Sociais”, “Pequenas Notícias”, além de possuir um editorial contendo notícias de Sergipe, do país e do exterior. Com o decorrer do tempo, o jornal migrou do gênero opinativo para o informativo. Em 9 de Junho de 1962, devido a dificuldades financeiras, o jornal realizou sua última publicação (OLIVEIRA; GONDIM; LINHARES; 2009).

O jornal *Folha da Manhã*, foi fundado em 23 de janeiro de 1938, por Adroaldo Campos, então Diretor-Proprietário. Sua sede era de início na rua de Laranjeiras, nº 362, mas, se transferiu mais tarde, para a rua São Cristóvão, nº 164, sendo sua estrutura composta de quatro a seis páginas. A partir de 1941, a direção passa para José Soares de Brito, e durante a guerra, as notícias sobre o conflito eram destaque, além de possuir propagandas e anúncios publicitários, textos sobre assuntos relacionados a Sergipe, espaços para o lazer, como os esportes e o cinema. Também, o jornal possuía certa influência da Igreja Católica, apesar de não fazer parte desta (ANDRADE, 2019).

O periódico *O Nordeste*, publicou pela primeira vez em 13 de maio de 1938, tendo como Diretor-Proprietário, Tancredo Jambreiro Gomes, o Redator-Chefe sendo Newton de Almeida Moraes, e Luisa Assis Brasil na função de Gerente. Estava localizado na rua de Laranjeiras, nº 292. Possuía grande influência religiosa, e reforçou em sua edição de estreia, que a sua conduta seria de acordo com a moral e as bases cristãs (*O Nordeste*. Aju, 13 de maio de 1938. n. 1. p.01). Era composto por quatro páginas, assim, no período da Segunda Guerra, a primeira abordava sobre o conflito, a segunda e a terceira continham anúncios, publicidade, opções de entretenimento, assim como a quarta, que também possuía textos autorais. Ao longo dos anos houveram mudanças na sua administração, pois, em 1942, Francisco de Araújo Macedo era o novo Diretor e Proprietário, e o jornal foi transferido para a Rua Gerú, nº 139, onde agora ficava sua redação.

Além disso, foram utilizados textos que forneceram um importante auxílio a respeito das formas de utilizar a imprensa como fonte e os procedimentos para lidar com ela. Nesse sentido, o texto “O historiador e suas fontes” Itamar Freitas (2000), traz uma explicação do que seriam fontes históricas, ou seja, basicamente tudo que nos forneça informações a respeito do passado, sendo o historiador o responsável por descobri-las. Portanto, foca nas fontes sobre História de Sergipe, e os locais onde é possível encontra-

las. Nisso, destaca o papel do Departamento de História da UFS na construção de um grande inventário que reunia os acervos dos arquivos sergipanos por meio do "Projeto de Levantamento de Fontes Primárias da História de Sergipe", e na importância das instituições mais tradicionais nas pesquisas em História.

Em "Na oficina do historiador" Heloisa Cruz e Maria Peixoto (2007), é levantada a discussão de como existem inúmeras fontes de pesquisa, não apenas a imprensa, e o dinamismo que elas possuem. Além disso, as autoras se propõem a indicar um roteiro com processos metodológicos que auxiliem os historiadores em suas pesquisas utilizando impressos. Também aborda a respeito da historicidade da imprensa, e como esta deve ser analisada e integrada aos contextos sociais, culturais e políticos em que está inserida.

No texto "História dos, nos, e por meio dos periódicos", Tânia de Luca (2015) faz um balanço a respeito da história dos jornais como fonte. O uso desses periódicos nas pesquisas, começa a ser mais frequente apenas a partir da década de 1970, no Brasil. É por meio da Escola dos Annales, com suas diferentes formas de análise e metodologia dos documentos, que a imprensa passa a receber maior atenção por parte dos pesquisadores. O texto mostra como a partir desse momento, diversas novas temáticas e assuntos começam a ser abordados, inclusive pelos historiadores brasileiros, com os jornais servindo de fonte para essas novas pesquisas.

Portanto, em se tratando da estruturação do presente trabalho, este foi estruturado para, no primeiro capítulo, abordar o cotidiano sergipano, em especial na capital, com os hábitos de seus moradores, os pontos de lazer, as dificuldades e desafios encontrados pela população, principalmente após os torpedamentos as embarcações sergipanas. No segundo capítulo, é abordado os primeiros passos do futebol em Sergipe, com a popularização cada vez maior do esporte entre a sociedade sergipana e a formação dos principais clubes do estado e organização de campeonatos. Além disso, o capítulo trata das possíveis interferências que a guerra trouxe para os campeonatos locais. Por fim, o terceiro capítulo traz uma perspectiva das experiências do futebol em Sergipe, com histórias a respeito de jogos polêmicos, confusões e dos jogadores de maior destaque no cenário esportivo da época.

CAPÍTULO 1

SERGIPE DURANTE OS ANOS 30 E 40

1.1- Espaços de lazer, economia e futebol

A Revolução de 1930 provocou mudanças no cenário político, econômico e social do país, com a deposição do então presidente Washington Luís, e a ocupação do governo por parte de Getúlio Vargas. O país sentia os impactos da crise de 1929, devido à quebra da bolsa de valores de Nova York, acarretou na queda dos preços de café, afetando as exportações de seu principal produto (FAUSTO, 2006), o que evidenciou a impossibilidade da prática de um modelo agro-exportador, fazendo o governo optar pela diminuição gradual das importações para incentivar um processo de industrialização (DANTAS, 2004).

O governo Vargas passa a adotar uma postura intervencionista e bastante centralizadora, com um Executivo forte. Esta última característica também foi adotada na administração dos Estados, pois, os antigos presidentes acabam sendo substituídos por interventores federais, que exercem ainda a função do Legislativo. Em Sergipe, assumiu o cargo de Interventor, o tenente Augusto Maynard Gomes, conhecido por seu passado revolucionário, e bastante atuante em favor do êxito da Revolução, e sendo em próximo dos tenentes. Devido a isso, não tinha o apoio dos grupos dominantes locais, e trouxe para seu mandato os setores médios da população, como militares, intelectuais e burocratas. Durante seu governo, de 1930 a 1935, o Estado passa a controlar os setores de Água e Esgoto, assume o comando da Empresa de Energia Elétrica e passa a se aproximar cada vez mais dos trabalhadores urbanos, prática alinhada à postura nacionalista e populista de Getúlio Vargas, que pode ser percebida em pontos da nova Constituição, promulgada em 1934, como por exemplo, o descanso semanal para a classe trabalhadora, igualdade de salários entre homens e mulheres, férias remuneradas e questões que garantiam o funcionamento dos sindicatos (FAUSTO, 2006).

Nesse processo, os políticos sergipanos estavam nos preparativos para a eleição dos deputados estaduais que seriam os responsáveis por escolher o próximo governador do estado, ainda no ano de 1934. Apesar da formação de vários grupos políticos, de diferentes vertentes, a disputa ficou entre o capitão Augusto Maynard, apoiado pelas classes subalternas e pela classe rural dominante, e o capitão e médico, Eronides de Carvalho, com o respaldo da ala mais conservadora. Segundo Dantas (2004), o processo

foi marcado por momentos de violência, como lutas corporais, tiroteios, detenções da polícia, entre outros, resultando na vitória dos conservadores, e na renúncia de Maynard, com a subida, em 02/04/1935 de Eronides Ferreira de Carvalho ao cargo de governador de Sergipe.

O governo de Eronides de Carvalho passa a ser marcado por censuras a jornais, perseguição a jornalistas, estudantes e adversários políticos, em um contexto de dificuldades econômicas no estado, e do golpe realizado por Getúlio Vargas em 1937, apoiado por militares e integralistas, inaugurando a ditadura do *Estado Novo*. Assim, o autor Ariosvaldo Figueiredo fala a respeito da postura do então interventor do estado:

“O Interventor Federal Eronides Ferreira de Carvalho não se descuida do policiamento, não brinca em serviço, censura os adversários, especialmente o “Correio de Aracaju”, que faz questão de mostrar certa independência. Em outros Estados, os censores são brandos, em Sergipe, a censura é dura, constante, não tolera nenhuma crítica, questionamento”.

(FIGUEIREDO, 1989, pág 26)

No âmbito social, apesar das dificuldades econômicas encontradas, a população sergipana encontra seu divertimento nos esportes, em especial o futebol, e nos cinemas. Prática já difundida e popular no cenário nacional e local, o jogo de futebol atraía diversos setores da população sergipana aos estádios, tanto na capital como no interior, para assistirem as partidas entre os clubes no campeonato sergipano. Os clubes da capital, a exemplo das mais antigas e populares equipes do estado, O Cotinguiba Sport Club e o Clube Sportivo Sergipe, recebiam grandes públicos no estádio Adolpho Rolemberg, enquanto que, no interior, a cidade de Maruim se situava como um importante reduto futebolístico, e sendo com destaque para o Esporte Clube Socialista e o Atlético Clube Ipiranga, atuando na praça de esportes Gonçalo Prado. Além do grande apelo da população, o futebol sergipano, recebia grande cobertura da imprensa local, seja informações sobre os jogos a serem disputados, as escalações das equipes, os jogadores, entre outros:

“Continua interessando vivamente a cidade, o embate de domingo, em que se empenharão os dois veteranos grêmios “Sergipe” e “Cotinguia”. Temos a certeza que não exageramos absolutamente, prevendo para o impressionante jogo a maior renda dos últimos tempos, não só pelo valor dos combatentes, como pela medida acertada tomada pela diretoria dos clubes,

mantendo para seus associados preço integral das entradas. Neste jogo, pela sua grande finalidade, não gosarão os sócios de “Sergipe” do “Cotinguiba” do abatimento de 50% que lhes era facultado em jogos anteriores, o que constituía um grande decréscimo nas rendas apuradas. Felizmente, no jogo de domingo, ninguém gosara do mínimo abatimento, salvo senhoras e senhoritas, que terão ingresso franco” (Correio de Aracaju, Aju, 27 de jan. de 1939, pág 6, nº 1222)

Além de deixar claro o interesse tanto do jornal, como da população pelo embate do fim de semana, entre Sergipe e Cotinguiba, a matéria do *Correio de Aracaju* mostra como o futebol também já se inseria como uma atividade com potencial lucrativo para seus participantes. As expectativas do periódico se concretizam, e no dia 29/01/1939, os dois clubes defrontam-se no Adolpho Rolemberg, e mesmo em um contexto de dificuldade econômica, o confronto gerou a renda de 1:156\$700, uma das maiores dos últimos tempos (Correio de Aracaju, 30 de jan. de 1939, pág. 6, nº 1224). O *match* terminou empatado em 1x1, com gols de Souza, para o Sergipe, e Oswaldo, para o Cotinguiba.

Porém, os jornais não eram os únicos meios de comunicação que difundiam o futebol em Sergipe. Em 1939, foi criada a Rádio Difusora Aperipê de Sergipe, a primeira no estado, e utilizando o prefixo PRJ-6. A emissora possuía uma programação bastante diversificada, contendo números musicais de artistas populares da época, como João Melo e Carnera, sob a apresentação do influente Sílvio Caldas, além de comentários, notícias, reportagens e informativos. Nesta variedade de transmissões, as partidas entre os diferentes clubes que compunham o cenário esportivo local, tinham espaço na programação e adquiriam novas proporções com o intermédio do rádio. No contexto do Estado Novo, um grande evento como o futebol, que recebia acompanhamento frequente da emissora e contava com grande audiência do público, também era um meio bastante favorável para destacar, e positivar a imagem do interventor, prefeito ou presidente presente nas finais e cerimônias esportivas (MAYNARD, 2011)

Quanto aos cinemas, estes eram considerados como lazer e um meio de se obter informações, já que os preços dos bilhetes eram acessíveis, assim como a sua linguagem. Os cines existentes na capital sergipana nas décadas de 30 e 40 eram o Guarany, o Vitória, o Rex, o Rio Branco e o São Francisco. Em Itabaiana, a população podia aproveitar o único cinema da cidade, com o preço do ingresso custando pouco mais do que o preço de 1kg de açúcar ou 1kg de feijão (MAYNARD, 2015). Por meio desses espaços, os sergipanos receberam informações sobre a Segunda Guerra Mundial, no período de 1939

a 1945, onde as produções dos Estados Unidos transmitiam a imagem dos soldados que compunham os países do Eixo (Alemanha, Japão e Itália), como sujeitos a serem combatidos a todo custo. Além disso, essas películas foram um importante veículo para a propagação da cultura norte-americana ao redor do mundo.

Em seus espaços, Aracaju era dividida em locais que eram frequentados pelos diferentes extratos da sociedade. A Rua João Pessoa era frequentada por pessoas que possuíam maior poder aquisitivo, e suas lojas tinham preços mais elevados. Nesta extensa rua, que tem início na Praça General Valadão e termina na Praça Fausto Cardoso, estão presentes o cinema Rio Branco; lojas de vestuário como Casa Ianque e a Casa Alvorada, de tecidos; lojas de artigos masculinos; também, bares, como o Bar Record, com serviço de café e um grande salão para a prática do snooker; além de livrarias, a exemplo da Livraria Regina; os cafés também era locais de destaque, com o Ponto Chic, o Café das Sete e o Central, recebiam membros da classe alta aracajuana, e eram pontos de referência entre essas pessoas (MAYNARD, 2011).

Segundo Cabral (1955), a Rua Laranjeiras era mais popular, frequentada pela classe média e mais suburbanas, começa no Rio Sergipe e termina na própria cidade. Possuía armazéns, pastelarias e padarias, além restaurantes menos prestigiados, os correios e os telégrafos.

Porém, ao contrário da Rua João Pessoa, existiam os locais suburbanos, onde cenas de violência e confusões eram mais comuns, como por exemplo, a Rua do Bomfim e a Rua da Vitória. Localizadas na região do centro da cidade, até o Aribé, elas eram marcadas pela forte presença da prostituição nos diversos bordéis e cafés da região (MAYNARD, 2009). Havia também o Beco dos Cocos, cuja quase todo o prolongamento era tomado pelo Vaticano, um enorme edifício erguido na esquina da Avenida Otoniel Dória com a Avenida Getúlio Vargas (CABRAL, 1955). Esta construção possuía dois pavimentos, com bares e cassinos, além de diversos quartos que abrigava os mais diversos tipos de personagens, como prostitutas, famílias carentes, marinheiros, comerciantes, operários e demais pessoas que viviam à margem da sociedade. Assim, Dilton Maynard faz uma interessante abordagem sobre o local:

“Jogos, prostituição, confusões. Tudo isso instalado numa região próxima da sede do Governo, zona central da cidade. O prédio que a noite costumava sediar lutas corporais, ou lutas de “peixeiras afiadas e reluzentes” (tudo regado a cachaça), era também ponto de concentração operária nas

manhãs comemorativas da classe (como nos feriados de 1º de maio)”
(MAYNARD, 2011, pág 13).

A proximidade destes estabelecimentos com a sede do Governo não deixa de ser algo curioso: Em um período de tanta vigilância do Estado sobre a população, com exigência da padronização de comportamentos e hábitos, a existência de um local como o Vaticano era quase que um desafio velado a essas formas de conduta exigidas pelo Estado Novo. Mas não que as autoridades se incomodassem totalmente com essa zona de libertinagem na cidade. Esses espaços, como aborda Maynard (2011), funcionavam como uma “barreira”, impedindo que os sujeitos “indesejados”, adentrassem no interior da capital sergipana.

1.2- Torpedeamentos na costa sergipana

A Segunda Guerra Mundial provocou mudanças profundas nos cenários político, econômico e sociais, em praticamente todos os continentes do globo. Depois do conflito, certos países emergentes se tornaram potências, e antigas potências entraram em declínio. No âmbito local, Sergipe acompanhava o conflito através das notícias dos jornais, dos rádios e das películas exibidas nos cinemas sergipanos. Em 1939, mesmo antes da guerra, o estado já sofria com o aumento dos preços de alimentos de primeira necessidade, e, com a invasão da Polônia, por parte de Adolph Hitler, as autoridades aracajuanas passam a se preocupar com o abastecimento da sua cidade.

Porém, é a partir de 16 de agosto de 1942, que Sergipe passa a ser diretamente afetado pelo conflito que até então, parecia distante. Nesta data, já após anoitecer, o submarino alemão U-507 atacou três navios brasileiros que navegavam entre a costa da Bahia e Sergipe. As embarcações eram chamadas de Aníbal Benévolo, Baependi e Araraquara. O mesmo submarino não se deu por satisfeito, e na madrugada do dia de 17, os navios Itagiba e Arará foram torpedeados. Os corpos dos mortos começaram a chegar nas praias sergipanas por volta do dia 20, em um saldo final de 652 óbitos. Levadas pela força do mar, as vítimas chegaram em diferentes pontos da costa sergipana, como na Praia do Saco, em Estância e na Praia de Atalaia, em Aracaju (MAYNARD, 2011).

O Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), uma ramificação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), postergou a notícia para evitar erar grande pânico na população. Porém, assim que a notícia chegou para os populares,

Aracaju foi um misto de horror e revolta, pois, como aponta Melins (2007), os navios eram conhecidos dos sergipanos, já que regularmente atracavam na capital para transportar mercadorias e passageiros. Ao mesmo tempo em que pessoas se dirigiam as praias para ajudar na busca por sobreviventes, outras tentaram se aproveitar da situação, e saquear os cadáveres e demais produtos que estavam sendo transportados pelos navios, e haviam sido trazidos pela maré.

A partir daí, teve início uma série de saques e atos de violência, pois surgiam boatos de moradores que seriam simpatizantes do Eixo, os “quinta colunas”, e estes teriam guiado os submarinos alemães em águas sergipanas, os auxiliando a atingirem seus alvos. Estrangeiros foram presos, e a massa revoltada, depredou as propriedades de algumas dessas pessoas. (MAYNARD, 2011). A casa do comerciante italiano Nicola Mandarino, foi depredada, assim como, os frades alemães do convento de Santo Antônio foram acusados de emitirem sinais luminosos para o submarino germânico, através dos projetores do cinema São Francisco.

Foi também no ano de 1942 que Augusto Maynard Gomes retornou, agora como coronel, ao cargo de Interventor do Estado, e discursando para a população, alertou sobre os riscos e desdobramentos deste ataque ao cotidiano sergipano. Assim, em 31 de agosto do mesmo ano, Getúlio Vargas declara guerra contra Alemanha e Itália, colocando o Brasil no conflito, ao lado dos Estados Unidos, e enviando, em 2 de julho de 1944, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutar na Itália ao lado das tropas norte-americanas (FERRAZ, 2005). O grupo expedicionário era composto por aproximadamente 25.000 soldados, dentre eles, 277 sergipanos e 3 enfermeiras, acabam sendo convocados para lutar na Europa.

A partir dos torpedeamentos aos navios sergipanos, notam-se mudanças significativas no dia-a-dia da população na capital. Em 27 de agosto tem início os blackouts em Aracaju, e assim, após o toque de recolher, todos deveriam estar em suas casas. Porém, sempre surgiam aqueles que ousavam desafiar a vigilância forte, e o poder do Estado, arriscando-se a sair às ruas, o que não era algo incomum de acontecer.

A guerra passa a circular e influenciar nas mais diversas atividades dos sergipanos. Nos cinemas não foi diferente. Por meio deles, os filmes sobre o conflito eram frequentes, e tornavam o meio encontrado pela população para ter conhecimento sobre o que ocorria nos campos de batalha. As produções de hollywood transmitiam de forma eficaz, a sua mensagem de combate a alemães, italianos e japoneses, assim como, o DEIP aproveitava o momento de lazer dos citados para mantê-los na linha, com a exibição dos

complementos nacionais, ou seja, obras cinematográficas transmitidas antes e depois do filme, criadas pelo DIP, para promover uma propaganda do Estado Novo. No entanto, a população não aceita de forma passiva as imposições do governo, promovendo atos de resistência. Portanto, chegar um pouco depois da sessão ter começado, ou sair alguns momentos antes do filme terminar, falar alto, não cantar o hino nacional nas salas de exibição, podem ser consideradas tentativas de vencer, ao menos por um momento, a falta de liberdade imposta pelo período estadonovista (MAYNARD, 2011).

No futebol, a guerra também causou alterações na forma como os torcedores se referiam ao jogo, principalmente no vocabulário. Os jogadores tornavam-se “combatentes”, e as partidas eram “lutas”, em uma grande influência bélica. Quanto as partidas, como o estádio Adolpho Rolemberg não possuía refletores, as partidas eram realizadas no período da tarde, para não haver falta de iluminação. Assim, pode-se dizer que os blackouts não devem ter afetado de forma significativa o andamento dos jogos.

A Segunda Guerra também influenciou no aumento dos preços de diversos produtos, principalmente os gêneros alimentícios de primeira necessidade, como arroz, feijão, farinha e a carne, além do aumento do preço da gasolina. Segundo Dantas (2004). Os ataques do submarino contribuíram para a diminuição do comércio entre os estados, o que comprometeu o escoamento das mercadorias para exportação e as finanças públicas. O autor também aborda o fato das plantações serem atingidas pelas pragas, o que também contribuiu para as dificuldades de obtenção de alimentos.

Os transportes também não passaram ilesos às dificuldades que o conflito mundial trazia. Este acentuou problemas de organização que já estavam presentes mesmo antes da guerra, relacionados a circulação de bondes e marinetes em Aracaju, tão necessários para os moradores da capital.

“E continua o dismantelo dos Serviços de Luz e Força. Os bondes, são os cometas da cidade, de raro em raro que aparecem. Hoje não é dia de bonde, averte o guarda a uma turma de passageiros parados á margem da linha. O bonde desta linha está em reparo. Assim, com essa filosofia, o atencioso informante se vai divertindo, matando o tempo no seu posto de serviço. Não á bondes, alega o sr. Hormindo, por que não existem aros. Mas os ondas trafegam em todas as capitais dos Estados. De fato, há falta de aros estrangeiros. Os nacionais de São Paulo não são bons. A guerra todavia tem ensinado a resolver esses problemas. Assim é que a Linha Circular da Baía, aqui bem pertinho de nós, está enchendo com solda os aros velhos” (Correio de Aracaju, Aracaju, 07 de abr. 1945. P. 01)

Mudança de horários e trajetos sem aviso, além de falta de bondes e marinetes eram problemas recorrentes enfrentados pelos trabalhadores aracajuanos, com a guerra servindo de desculpa para tal situação (MAYNARD, 2011). Ao mesmo tempo que o conflito oferecia dificuldades a prestação desses serviços, ele também forçava a criação de alternativas, como bem evidencia a matéria, como a estratégia usada pela Linha Circular da Baía. Nesse sentido, ao comparar as soluções encontradas pelo governo da Bahia, com a inoperância da administração local, e expô-las, o jornal mostra que o aparelho de censura do Estado Novo não está com a mesma força de anos atrás. Além disso, evidencia a não passividade da população, pois, se o jornal escreve a matéria, é possível que o interesse para a publicar tenha se originado de denúncias e reclamações de passageiros que se sentiram prejudicados.

1.3- Futebol e Estado Novo

Em 1938, foram criados os Jogos de Verão. Estes eram uma série de competições esportivas realizadas em Aracaju, compostas por diferentes tipos de modalidades, que possuíam grande apelo da população. Postos em prática pelo prefeito Godofredo Diniz, este grande evento era, segundo intelectuais e autoridades locais, uma grande oportunidade para aprimorar a raça e permitir uma aproximação com outros demais estados (MAYNARD, 2009). Esse tipo de programa surge em um período de tentativa de regulação dos corpos, por parte do Estado, objetivando a construção de uma nova sociedade, através do controle e a padronização do físico, por meio de métodos como a higiene social e a eugenia.

Nesse contexto, os jovens deveriam cuidar do corpo, através da prática de exercícios, eliminando características físicas consideradas ruins, com o objetivo de evitar justamente, a “degeneração” da raça. Assim, como explica Thiago Maranhão (2004):

“A teoria passou a prática e, nos primeiros anos do século XX, o que se viu no Brasil foi uma espécie de “higiene racial”. Buscou-se estabelecer o modo mais eficaz de se “apagar” os cidadãos qualificados como sendo de “baixa qualidade racial”. Era necessário impedir a “degeneração da raça” e assim como era necessário fazer a higiene das cidades, também se deveria fazer a “limpeza da raça” (MARANHÃO, 2004, pág.

Além do aspecto da “higiene racial”, o esporte era usado como uma forma de disciplinar a população. Nesse sentido, as entradas das equipes, durante os Jogos de Verão, eram executadas em estilo de parada militar, em que disputavam clubes, escolas, corporações militares, além de uma delegação convidada de outro estado (MAYNARD, 2009). Por meio dessas competições procurava-se estimular nos sergipanos, principalmente na juventude, o sentimento de pertencimento a sua terra natal, além de mostrar como a comunidade local estava de acordo com os parâmetros físicos e morais exigidos pelo regime. No Estado Novo, a valorização do corpo e a conduta moral, também faziam parte da construção de um sentimento de nacionalidade. E essa preocupação do Estado com os modos de agir da população não se restringia aos Jogos de Verão:

“O desfile que precederá as lutas promete revestir-se de um brilhantismo inédito, concorrendo ao mesmo cerca de 150 atletas, de vez que o presidente da Federação solicitará aos clubes um mínimo de 25 amadores para tomarem parte no empolgante desfile.

Para maior realce da sensacional parada esportiva estamos informados de que a Banda de Música do 28º B.C. será solicitada do Exmo. Snr. Ten. Cel. Gilberto de Freitas, Comandante dessa Guarnição Federal, ao som da qual desfilarão os nossos valorosos desportistas entoando o sagrado Hino Nacional, numa demonstração incontestável de patriotismo e civismo” (Correio de Aracaju, 05 de março de 1942, pág 5).

A matéria se refere ao Torneio Início do ano de 1942, evento esportivo que marcava a abertura da temporada futebolística em Aracaju. Competiam no torneio, os clubes da capital inscritos para participarem do campeonato estadual, sendo que neste ano por exemplo, disputaram o título os times do Sergipe, que foi o campeão, o Cotinguiba, Paulistano, Vasco, Siqueira e Palestra. O torneio consistia em uma grande tarde esportiva, em que todas as equipes se enfrentavam, em partidas de tempo reduzido. O controle do governo sobre a população, além de ser rígido, era inteligente: reunindo todos os clubes em um único evento, a Federação Sergipana de Desportos (FSD), reunia em um único espaço, a maioria dos grandes e conhecidos jogadores locais, o que atraía grande público para as dependências do Adolfo Rolemberg. Perfilados, uniformizados e entoando o hino nacional, os atletas transmitiam a mensagem do Estado Novo, de forma simbólica e bastante poderosa.

No entanto, os impactos que a Guerra trouxe para Sergipe, com o seu prolongamento, dificultavam o controle rígido sobre a população, que quase sempre conseguia dar suas “escapadas”, principalmente os casais de namorados. Aproveitando a escuridão dos blackouts, instituídos para a defesa da cidade, os casais transformavam as praças da capital em pontos de encontro, para seus romances secretos. As autoridades é claro, reprovavam a ideia. No futebol, a população também encontrava seus meios de burlar as medidas impostas pelo poder estatal, como era o caso das partidas disputadas nas ruas, fugindo a regulamentação e padronização rígida do Estado, fato que era severamente criticado por uma imprensa controlada pelo DIP, mas também por moradores da cidade (Correio de Aracaju, 23 de jun. de 1942, pág 4). Nesse contexto, chama a atenção a postura de diversos torcedores dentro do estádio:

“ Os incidentes graves ocorridos no jogo de domingo, acendeu novo fogo a meca da bomba que há muito está para estourar. Todos os verdadeiros esportistas e a imprensa local veio a baila, indignada, condenando os excessos da torcida no jogo de domingo.

Uma torcida desenfreada, anti-esportiva e irreverente lançou durante todo o jogo os maiores impropérios, em palavrado irreverente, contra os jogadores visitantes e contra o juiz, desrespeitando afrontosamente o espectador educado e ponderado, as famílias presentes e o próprio nome do desporto Sergipano, que construído sobre bases sólidas e edificantes é um padrão glorioso incompreendido e pouco imitado por pessoas que desconhecem a ética esportiva ou fingem desconhecer-la, somente olhando por um prisma errado, partidarismos exaltados” (Folha da Manhã, 26 de jan. de 1943, pág. 4)

A notícia se refere as reações dos torcedores, verificadas na partida entre Riachuelo e Cotinguiba, disputada na capital, e que terminou com o triunfo do time do interior de mesmo nome. É possível que a vitória do clube visitante tenha gerado revolta no público, cuja maioria possivelmente, era adepto do Cotinguiba. Porém, a matéria aborda a recorrência dessa postura do público aracajuano, e continua, em outros pontos, afirmando que a polícia já está ciente do fato, para intervir se necessário, e além disso, o jornal demonstra preocupação com a imagem a ser transmitida do estado, pois, em poucas semanas, a equipa baiana do Ipiringa, realizará uma excursão por Sergipe. Nesse sentido, fica clara a preocupação com a conduta moral e em padronizar comportamentos do povo sergipano, de acordo com os valores estabelecidos pelo regime, além da tentativa da

imprensa local em passar uma imagem organizada e disciplinada do futebol local. No entanto, em ao contrário daquilo estipulado pelo governo, através dos jornais, a população sergipana parecia encontrar, dentro dos estádios, por meio do esporte, um ambiente propício para burlar essas regras impostas, ao menos momentaneamente.

Esse discurso que pregava a moral, a ética e o civilismo nas condutas chega aos esportes, e no futebol, ele adquire efeito especial. Modalidade popular, e já possuidora de diversos adeptos na capital sergipana, o futebol era um esporte “fácil” de ser praticado, ao contrário do remo e do turfe, por exemplo. Para praticar as regatas, era preciso dispor de uma embarcação e um local propício para sua prática, como o Rio Sergipe. Com o turfe, o processo era parecido, necessitando de um cavalo treinado e bem cuidado para montar, além de um espaço adequado, como um hipódromo. Além disso, a maioria dos recursos para a prática das duas modalidades, estavam disponíveis apenas em clubes como o Cotinguiba, Sergipe e o Aracaju, cujas mensalidades eram pesadas para o bolso do cidadão de classe média ou baixa. Essas pessoas podiam até acompanhar uma disputa de regatas, ou uma eventual corrida, apostando em seu cavalo preferido, porém, seria um acompanhamento feito a distância, sem que elas fizessem parte realmente daquilo.

Com o futebol era diferente. O esporte bretão era fácil de ser praticado: uma bola, podendo ser originada de qualquer material; duas traves, ou algum objeto para representá-las, e pronto, os materiais necessários para a disputa da partida haviam sido encontrados. Também, qualquer local era um estádio, seja uma rua, um terreno baldio ou o quintal de uma casa, não importava, o campo de jogo estava feito. Outro ponto era que, o acesso ao futebol era muito mais vantajoso financeiramente, pois o cidadão não precisava se associar a um clube para assistir as partidas. O torcedor podia comprar seu ingresso e se dirigir ao estádio de sua cidade, como, por exemplo, o Adolpho Rolemberg em Aracaju, e o Gonçalo Prado em Maruim, para ver seu time jogando.

Esses fatores contribuem para o Estado, então, passar a dar uma atenção especial ao futebol, por este ser um esporte de massa, e concentrar grande quantidade de trabalhadores, o público alvo de Vargas (MAYNARD, 2009). A propaganda do governo, nesse contexto, teve um papel muito importante, na divulgação das atitudes que deveriam ser exemplos a serem seguidos, em partidas de futebol. Jogos que ocorriam de forma “limpa”, sem muitas faltas e brigas, e que fossem bem disputados, ganhavam elogios da imprensa. Por vezes, parecia importar mais, a existência de cavalheirismo entre os *players*, do que o resultado das partidas em si. Além disso, seja nos jornais ou nas transmissões de rádio, as autoridades de âmbito nacional e local eram sempre destacadas

na cobertura dos jogos, podendo ser elas, tanto o presidente Getúlio Vargas, como o Interventor e prefeito.

Um momento muito importante para a consolidação do futebol como um esporte de paixão nacional, e para seu uso por parte do Estado Novo, na construção de um ideal de nação, foi a Copa do Mundo de 1938, disputada na França. A profissionalização do esporte, iniciada em 1933, e a participação do Brasil no Campeonato Sul-americano de futebol, de 1936 a 1937, já haviam instigado a população a acompanhar esta modalidade de forma mais atenciosa. Na preparação para o campeonato mundial, o Estado teve participação efetiva no patrocínio ao selecionado brasileiro. Isso porque a Confederação Brasileira de Desportos escolheu Alzira Vargas, filha do presidente, como madrinha da seleção, além de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França, se declarar como o torcedor nº 1 do país. O peso dos cargos dessas figuras, eram mais um elemento que fortalecia a construção de uma nação vencedora, por meio do futebol, e que não teria medo dos desafios (NEGREIROS, 2003). Seguindo por essa linha de pensamento, o autor faz um interessante apontamento sobre o período:

“Enfim, a aproximação do início da Copa do Mundo de 1939 fazia com que cada setor da sociedade brasileira se envolvesse cada vez mais com o futebol, como se toda a nação estivesse naquele momento representada. A nação, unida, mostrava-se atenta para enfrentar os inimigos que viessem pela frente; a unidade nacional foi trabalhada de tal maneira no imaginário popular, que, mesmo aqueles que possuíam pouco ou nenhum interesse pelo futebol, não conseguiram se manter à parte” (NEGREIROS, 2003. Pág. 135)

A competição teve ampla cobertura das rádios e dos jornais, que enviavam fotos dos torcedores para os jogadores na Europa, como uma forma de incentivo. Em dia de jogo, todas as regiões paravam para acompanhar o selecionado brasileiro, comandados por Leônidas da Silva e Domingos da Guia. Nesse aspecto, a imprensa teve um papel central, fornecendo informações sobre a seleção, em um período no qual as partidas não eram televisionadas. Dentro de campo, o time brasileiro foi derrotado por 2x1 pela Itália, na semifinal.

Porém, mesmo com a derrota, os jogadores foram recebidos como heróis, e ao final da competição, o futebol adquiriu um papel muito importante formação de uma unidade como nação. Assim, como aborda Negreiros (2003), sendo muito bem utilizado

por Vargas, o futebol mostrou, de forma simbólica, que além de uma disputa esportiva, a modalidade se tornou uma forma de mostrar a força do Brasil e de seu povo.

CAPÍTULO 2

A FORMAÇÃO DOS CLUBES, OS CAMPEONATOS E A GUERRA

2.1. Movimentos iniciais do futebol sergipano

O final do século XIX e início do século XX, marcou a chegada e início do desenvolvimento do futebol no Brasil. Esse processo, segundo Filho (2003) teve início com a influência de nomes ligados à alta sociedade, como Oscar Cox, no Rio de Janeiro, e Charles Miller, em São Paulo. Esses personagens tiveram contato com o esporte na Inglaterra e o trouxeram para o Brasil, com suas regras e equipamentos. Outro indivíduo de importância nesse contexto, e de origem e trajetória semelhantes aos dois já citados, foi Zuza Ferreira, jovem que estudou em Londres por um certo tempo, já que seu pai era tesoureiro do British Bank, na capital inglesa. Lá, teve contato com o *foot-ball*, trazendo-o para a Bahia (MEDRADO, 2020).

A chegada do futebol em terras baianas é importante no contexto de introdução desse esporte em Sergipe, já que existia um grande intercâmbio entre as famílias das elites de ambos os estados, muito por causa das faculdades de direito e medicina da Bahia, formadoras de vários membros que compunham essas classes mais abastadas (MEDRADO, 2020). Assim, percebe-se que a introdução do esporte britânico, tanto no Brasil, e em consequência disso, em Sergipe, contou com a participação ativa de integrantes das elites locais. Porém, é importante ressaltar que esses setores não foram os únicos responsáveis pela propagação do futebol no país, já que as camadas populares não permaneceram de forma passiva nesse processo.

Nesse sentido, Santos (2012) faz a comparação da chegada do esporte na Argentina e no Brasil, apontando similaridades nas experiências de ambos os países. Nos dois casos, a história da chegada do futebol contou com duas versões: enquanto uma relaciona a modalidade por meio de origem popular, com sua entrada através dos portos, por meio de marinheiros ingleses que trouxeram o jogo, a outra associa a sua introdução às instituições de ensino. No caso brasileiro, aos colégios jesuítas. Segundo o autor, essas versões que parecem ser opostas, na verdade mostram-se, acima de tudo, bastante complementares, já que evidenciam como esta prática esportiva se disseminou de forma variada, não seguindo uma regra fixa.

Independente da forma em que o futebol chegou ao país, em Sergipe, o esporte foi apresentado à população em um evento de caráter oficial, no Dia da Independência, em 1907, quando o 26º Batalhão de Infantaria promoveu demonstrações de diversas modalidades esportivas, com os soldados se dividindo em duas equipes, denominadas Democrata e Independente (MEDRADO, 2020):

“Precisamente às 4 horas iniciará o esforçado capitão ajudante o assalto de esgrima; e, após alguns *saltos, golpes e paradas* ordenará *circulo*, para, nessa formação dar a *salva*, sendo duas descargas convergentes e a ultima para fora do circulo, de modo a atirar sobre o povo uma chuva de *confetti*.

Entre os dois clubs formados de officiaes inferiores, *Democrata* e *Independente* realizar-se-á um *match* de *foot-ball*. Terá começo o *kich-off* logo depois do assalto de esgrima (Correio de Aracaju, 7 de set. de 1907. Pág. 2).

Segundo Medrado (2020), o uso de diversas palavras na língua inglesa para se referir ao jogo, mostra como a prática esportiva era nova para os sergipanos, tanto para o público como para a imprensa, ainda não existindo termos locais para denominar características do esporte, devido à falta de costume em acompanhar ou disputar essa modalidade. Além desse fator citado pelo autor, é possível que a não criação de nomes na língua portuguesa, ou a falta de tradução dessas expressões, fosse proposital, com a intenção de manter o futebol ligado às suas origens britânicas e de condutas aristocráticas, e assim, demonstrava e reforçava a diferenciação social de seus praticantes sobre o restante da população.

2.2 A criação dos clubes futebolísticos e a difusão do esporte em Sergipe

Após a primeira exibição futebolística no estado, o interesse da população estimulou a criação de clubes de futebol em Sergipe. O primeiro clube a ser fundado, foi o Sport Club Lux, em 19 de setembro de 1909, na capital, e que depois passou a ser chamado de Club Foot-ball Sergipano, criado pelo estudante Mario Lins de Carvalho, depois deste ter um contato com o esporte em Salvador (FILHO, 2014, apud NARDI, 2020). Nesse mesmo ano, outro clube fundado na capital, foi o Sport Club Aracaju, em novembro desse ano. Em 1910, foi fundado o Rio Branco Foot-ball Club, além do Santa Cruz Foot-Ball Club e o União Foot-ball Club. Muitos desses clubes acabaram não tendo vida longa, pela falta de condições em se organizarem e se manterem economicamente.

A respeito da criação de instituições esportivas no estado, é interessante notar como figuras influentes no âmbito administrativo e econômico de Sergipe, tiveram participação ativa nesse processo. Nesse sentido, pode-se dar o exemplo da figura de Enock Santiago. Sendo filho de agricultores, ocupou ao longo de sua vida, cargos importantes na administração do Estado, e foi um dos principais participantes na formação do Rio Branco Foot-ball Club (MEDRADO, 2020). Em 1942, Enock Santiago foi convocado pelo interventor Augusto Maynard para ocupar o cargo de Chefe de Polícia, tornando-se um dos principais personagens durante o período dos torpedeamentos aos navios nacionais na costa sergipana, coordenando as investigações contra possíveis suspeitos de serem aliados das forças do Eixo, no afundamento das embarcações.

Também no ano de 1909, foram fundados dois clubes com força administrativa e financeira para poderem se manter por um longo período de tempo: o Cotingiba Sport Club e o Club Sportivo Sergipe. Criados inicialmente para as disputas de remo, esporte que já fazia parte do cotidiano da população, e bastante relacionado às elites e famílias tradicionais locais, esses dois clubes rivalizariam por muitos anos pela hegemonia futebolística local, tornando-se os mais populares do Estado. O Cotinguiba foi fundado em 10 de outubro de 1909, para, além do remo, também disputar posteriormente, as modalidades de basquete, voleybol e, principalmente, futebol (MELINS, 2007). Sob a liderança de João Carneiro de Mello e José Vieira de Andrade, os sócios que fundaram o clube decidiram pelo uso das cores azul e branco, além de chegarem a um consenso com relação ao nome da instituição.

O Sergipe foi fundado cerca de uma semana depois do Cotinguiba, em 17 de outubro de 1909, por sócios dissidentes deste clube, segundo Murilo Melins (2007). Dentre esses sócios, estavam Dalberto Monteiro, Euclides Pinto, Adalgiso Rosal, José Couto Farias, Américo Silva, Francisco Bessa e Tancredo Souza Campos. Este último estava como presidente, de acordo com a primeira ata do clube. O Sergipe foi criado para competir com o Cotinguiba nas provas de remo, e mais tarde, também passou a competir nas modalidades de basquete e futebol. Utilizando as cores vermelho e branco, a instituição recebeu a denominação de “clube do povo”, devido à popularidade que adquiriu ao longo dos anos, muito por causa do futebol.

A rivalidade entre os dois clubes teve início já em suas fundações, como foi apresentado anteriormente, e isso pode ser reforçado com todo o contexto a respeito da origem dos nomes de cada um. Havia a discussão na época, sobre qual era o rio que

banhava a cidade de Aracaju, e assim, cada clube homenageou aquele que julgava ser o correto. Em estudo divulgado pelo Instituto Histórico de Sergipe, no ano de 1925, comprova-se que é o rio Sergipe, aquele que banha a capital do estado (MEDRADO, 2020). Nesse processo de início das práticas esportivas, o remo ainda era a modalidade mais apreciada pela população, porém, com o futebol assumindo uma popularidade cada vez maior entre a juventude, que utilizava de todos os espaços possíveis existentes na cidade para “jogar bola”. Como já foi abordado no capítulo anterior, o futebol permitia que as camadas populares, além de serem apenas expectadoras, praticassem a modalidade.

Assim, terrenos baldios, e locais como a antiga Praça da Conceição, atual Praça Tobias Barreto, tornavam-se campos improvisados (CABRAL, 1955). Estes não eram aprovados por uma certa parcela de moradores, devido a empolgação e barulho causados pelos jovens na prática da modalidade. Por esses fatores, a prática futebolística era considerada atividade de pessoas que não tinham o que fazer, de indivíduos sem nenhum tipo de ocupação e, por isso, tratadas de forma pejorativa. Santos (2012), analisando a chegada do futebol no Brasil e na Argentina, observa:

“Naquele período, as duas capitais já eram eminentemente esportivas. Tal fato fica evidente no grande número de modalidades praticadas. No momento em que o futebol chega às duas cidades, já se destacavam, como preferência, a esgrima para a aristocracia argentina e o turfe para o mesmo grupo no Brasil. É importante destacar que o conceito de esporte passava especificamente pelas práticas nas quais as elites estavam envolvidas.

Nesse sentido, as camadas populares, que se aproximavam de práticas como as rinhas de galos (Argentina e Brasil) e a capoeira (Brasil), não conseguiram “impor” o status de esporte às suas experiências. Tanto as rinhas quanto a capoeira não eram aceitas socialmente, tampouco consideradas esportes; ao contrário, carregavam valores depreciativos e sofriam constantemente perseguições policiais (SANTOS, 2012, pág. 28)

O fato das rinhas de galo e da capoeira não serem considerados esportes, é pautado principalmente com base na opinião das elites, marginalizando aquilo que não praticavam. Nesse sentido, é possível perceber que o futebol sergipano, em seus movimentos iniciais, também sofreu ataques, devido à não adesão, de forma mais profunda, das classes econômica e socialmente mais favorecidas ao jogo. Neste sentido, é interessante notar a dinâmica existente no cenário esportivo local da época: enquanto o

remo permanece como o esporte preferido pelas elites, e possui uma maior atenção dentro dos clubes, o futebol começa a ganhar destaque entre as camadas populares, com equipes de bairros sendo formadas e ocupando os espaços públicos.

Porém, a situação começa e se modificar e, no dia 26 de agosto de 1916, Cotinguiba e Sergipe decidem formar seus times de futebol. Sendo as duas instituições mais privilegiadas em termos econômicos da capital, elas serão importantes no processo de tornar os clubes sergipanos mais populares entre a população, pois, mesmo ganhando destaque entre a juventude, os clubes que já possuíam quadros futebolísticos no estado, ainda não faziam sucesso entre a população. Assim, nesse estágio inicial, as organizações voltadas para o esporte receberam apoio de setores locais significativos como a indústria, dos intelectuais, do comércio e do próprio governo (MEDRADO, 2020). A atenção desses atores sociais sobre o esporte mostra como o futebol começa a ser notado de outra maneira, não mais como apenas um passatempo, mas sim como uma atividade que pode ser vantajosa de diferentes formas para as classes dirigentes de Sergipe.

O ano de 1916 foi de grande importância na implantação do futebol a partir dos clubes, em Aracaju. O primeiro jogo entre Sergipe e Cotinguiba aconteceu em 24 de outubro daquele ano, sob a organização do Almirante Aminthas, que prometeu um amistoso com a equipe do Sergipe Foot-ball Club, de Propriá. Os dois clubes representaram uma “Seleção de Aracaju”, mesclando jogadores de ambas as instituições em um único time. O evento foi marcado por grande festa, contando com a presença do prefeito de Aracaju, General Valadão, e recebeu a primeira grande cobertura da imprensa local, atraindo bastante público para o campo construído pelo governo, na Praça Pinheiro Machado (atual Tobias Barreto). Os torcedores presentes acompanharam então, a vitória do time aracajuano, por 4x0, que contou com grande repercussão dos jornais (MEDRADO, 2020).

Além disso, em 10 de dezembro do mesmo ano, foi realizada a primeira partida que colocou frente a frente, Sergipe e Cotinguiba em lados opostos, disputando o Troféu “Ao Preço Fixo”, que havia sido vencido pelo combinado dos dois clubes na partida contra o time de Propriá, e agora, seria a decisão de quem ficaria com a taça. Novamente, o encontro futebolístico contou com grande apoio da imprensa ao longo de todo o período de preparação dos clubes, até a realização da partida. O Sergipe saiu vitorioso no confronto, que marca, assim como o ano de 1916, o primeiro grande momento do futebol sergipano como uma atividade organizada em instituições voltadas para a prática esportiva (MEDRADO, 2020).

A partir desse ano, as partidas entre clubes começam a se tornar parte do cotidiano e dos programas de lazer da população. Em 1917, temos a primeira visita de um time da Bahia em Aracaju, com o Cotinguiba e o Sergipe formando um combinado, chamado de “seleção sergipana”, para enfrentar a o Sport Club República, campeão estadual do ano anterior (MEDRADO, 2020). Esse ponto é interessante, pois mostra como a Bahia já possuía, em seu cenário esportivo, uma quantidade suficiente de clubes estruturados para organizar um campeonato. Porém, apesar dessa desvantagem em relação ao futebol baiano, o selecionado sergipano venceu a partida por 1x0, rendendo comentários elogiosos da imprensa. Neste mesmo ano, também surge o Industrial, terceiro clube da capital do estado.

Em 1918, cresce a demanda para a formação de um órgão autônomo, formado pelos clubes, que possa administrar e organizar o futebol sergipano. Assim, é criada em 12 de junho de 1918 a Liga Sergipana de Desportos (LDS). A sua criação foi possível muito pela atuação do Almirante Aminthas José Jorge, que contava com grande prestígio social e político na época. A atuação do almirante mostra como as classes dirigentes e de destaque na sociedade sergipana estavam intimamente ligadas à viabilização do futebol através da organização dos clubes, em seus estágios iniciais.

Porém, os campeonatos organizados pela LDS foram marcados por vários problemas, como acusações entre os representantes dos clubes, polêmicas com relação aos árbitros das partidas, além de situações de boicote das equipes ao campeonato. Outra reclamação frequente era em relação à violência presente nos jogos e da passividade da liga em punir essas situações. Sofrendo com interrupções em seu andamento e até por intervenções policiais, a partir de 1925, começaram as discussões para resolver as fragilidades da entidade. Após diversos encontros entre dirigentes de clubes, foi criada, em 20 de abril de 1926, uma nova liga, a Liga Sportiva de Esporte Atlético (LSEA), sob a liderança de Alfredo Rolemberg Leite, membro de família destacada entre as elites do estado (MEDRADO, 2020). Novamente, é perceptível como o futebol tornava-se meio de promoção social e prestígio, principalmente entre as disputas existentes na elite sergipana.

A nova liga consegue se vincular à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o que permite aos clubes e ela filiados participarem de competições a nível nacional. No entanto, a criação da LSEA não significou o desaparecimento da LDS em um momento inicial, mas sim, a divisão dos clubes entre essas duas entidades: na primeira, estavam o América Atlético Club, Associação Atlético, Palmeiras Foot-ball Club e Oiterinos Foot-

ball Club. Na segunda, encontravam-se o Sport Club Aracaju, Club Sportivo Sergipe, Associação Desportiva Brazil e Cotinguiba Sport Club (MEDRADO, 2020). Após alguns conflitos entre os dois órgãos, em outubro de 1927, Sergipe e Cotinguiba filiam-se à LSEA, enfraquecendo de vez a LDS, que deixa de existir neste mesmo ano. Esse ponto mostra a força desses dois clubes, não apenas entre o público, mas também nos bastidores do esporte sergipano. Um ponto curioso, e que mostra a diversidade de clubes já existente no período, é a filiação em 1931, do ETEA Esporte Clube à LSEA, equipe formada a partir da Empresa de Tração e Energia de Aracaju.

A consolidação da nova liga também é retratada por Cabral (1955), quando informa o seu reconhecimento como utilidade pública, pelo decreto nº 225, em 13 de julho de 1934. O autor ainda apresenta alguns presidentes que comandaram a entidade, a exemplo de, Dr. Clodomir Silva, Ten. Humberto Andrade, Cap. Milton Azevedo, Antônio Vasconcelos, Alcebíades Vilas-Boas e etc. É curiosa a presença constante de membros das classes dirigentes no comando do esporte do período, em especial, o papel dos militares nesse processo. Responsáveis pela organização do primeiro evento esportivo que apresentou o futebol para a população e para a imprensa, eles continuam ocupando papéis centrais não apenas no meio esportivo, como também em outras esferas da sociedade.

Outro grupo que também estava no topo da hierarquia social em Sergipe, participou do crescimento futebolístico no estado. Trata-se dos donos das grandes fábricas têxteis locais, como foram os casos do Sport Club Industrial, fundado a partir da fábrica Sergipe Industrial, sob a administração de Thales Ferraz, e a Associação Desportiva Confiança, advinda da Fábrica Confiança, do proprietário José Sabino Ribeiro. Como afirma Medrado (2020), os esportes possibilitavam a maior divulgação dessas indústrias, assim como, o futebol aproximava a população dos bairros de operários com o clube, e com isso, da fábrica. Portanto, os esportes começaram no início, como atividades de lazer para os funcionários, evoluindo com o tempo, para algo mais sério, tanto que, muitos dos jogadores desses times também trabalhavam nas próprias fábricas. O Industrial iniciou suas atividades em 1917 e encerrou em 1923, enquanto que o Confiança, deu início às atividades esportivas em maio de 1936, com as modalidades de basquete, vôlei e atletismo. O quadro de futebol foi formado posteriormente, em 1 de maio de 1949 (MEDRADO, 2020). Ativo até os dias atuais, e adotando a cor azul em seu fardamento, o “Dragão do Bairro Industrial”, como é conhecido, passaria a se tornar um dos clubes

mais populares do estado, conquistando seu primeiro título em 1951 e se desvinculando da Fábrica Confiança em 1955 (MAYNARD, 2021).

2.3. A Guerra começa, e o futebol sergipano continua

Em 1 de setembro de 1939, a Polônia é invadida pela Alemanha, liderada pelo governo nazista de Adolf Hitler. A invasão gera uma resposta de Inglaterra e França, que declaram guerra ao país germânico, dando início a Segunda Guerra Mundial. O conflito tomou proporções globais, afetando diversos países que não se encontravam no continente europeu, como o Brasil. O país assumia uma posição de neutralidade, já que possuía negócios tanto com a Alemanha, como com os Estados Unidos, que entra nos embates após os ataques da Marinha Imperial Japonesa à base naval americana de Pearl Harbor, em 1941. Porém, como já foi visto anteriormente, após os torpedeamentos as embarcações nacionais entre a costa da Bahia e de Sergipe, em 15 de agosto de 1942, realizados por um submarino alemão, Getúlio Vargas declara guerra aos países do Eixo, em 31 de agosto do mesmo ano.

Sergipe sentiu os efeitos do conflito de forma mais significativa, a partir dos torpedeamentos. Além do pânico provocado pelas mortes no fatídico evento, os preços dos alimentos de primeira necessidade se elevaram bastante, assim como o dos combustíveis, devido a menor disponibilidade desses produtos pela dificuldade no transporte marítimo, com frequentes riscos de afundamento de mais navios. Outro ponto foi a falta de papel, que afetou diretamente a imprensa sergipana, obrigando os jornais a diminuir o número de publicações. Como já abordado no primeiro capítulo, os torpedeamentos afetaram o cotidiano sergipano e a população precisou se adequar as novas imposições que o período obrigava, como por exemplo, o início de treinamentos para a defesa de ataques aéreos, instituídos pelo governo, assim como os blackouts instituídos na capital (MAYNARD, 2011).

A partir das 22:00h, a cidade ficava na escuridão, Aras e Cruz (2011) afirmam, iluminada apenas pela “lua e pelas estrelas”, e às vezes, por algum morador distraído, que deixava a iluminação da sua moradia visível para a rua. Quando isso acontecia, o forte policiamento advertia o residente a respeito de sua infração (Folha da Manhã, 14 de set. de 1942). Nesse contexto, o futebol continuava a ser disputado, aparentemente, sem nenhuma grande interferência, pois, é importante reforçar que mesmo antes da instituição dos blackouts, as partidas já eram realizadas no período da tarde, devido à falta de

refletores no estádio Adolpho Rolemborg. No entanto, a falta de iluminação programada, alterava o ritmo de funcionamento de estabelecimentos e dos transportes públicos, estes já sendo precários mesmo antes da guerra. Essa situação forçava a população a readequar seus horários à nova conjuntura social vigente.

Assim, é possível que o acesso das pessoas às partidas tenham sofrido alterações, por mais leves que fossem, ao menos neste momento inicial. Nesse sentido, a matéria abaixo do Folha da Manhã nos fornece um indício da mudança do fluxo de pessoas presentes nas partidas:

“Sergipe e Paulistano preliaram, ontem, em busca de dois pontos, no atual campeonato da cidade.

Apesar de ter sido uma partida fraca, desprovida de técnica, distraiu, entretanto, a pequena assistência que ao velho gramado afluiu.

O Sergipe jogando com mais desembaraço poude no 1º tempo consignar três tentos. Enquanto isto acontecia, o Paulistano cedia terreno aos rubros, não se modificando, entretanto, no placar até o final do jogo (FOLHA DA MANHÃ, 14 de set. de 1942. Pág. 4).”

A matéria do jornal aborda a vitória por 3x0 do Sergipe sobre o Paulistano, ambos clubes da capital. A pouca presença de público na partida, anunciada pela notícia, não deixa de chamar atenção, já que o encontro esportivo foi realizado em um domingo, dia da semana em que boa parte da população estaria de folga dos seus serviços. Além disso, estava em campo o Sergipe, talvez o clube mais popular no período. Nesta mesma edição, o Folha da Manhã elogia o comportamento da população, que estava “obedecendo rigorosamente as normas dos black outs verificados nas ultimas noites” (Folha da Manhã, 14 de set. de 1942. Pág. 4). Este ponto é um indicativo de como a sociedade ainda estava se adaptando à nova conjuntura imposta pela “chegada” da guerra ao estado, e como a ainda recente instituição dos blackouts alterava a programação dos aracaJuanos.

Essa programação não se referia apenas ao tempo disponível por cada pessoa, seja para cumprir suas obrigações trabalhistas, ou usufruir de diferentes formas de lazer. Ela também estava relacionada a administração de seus recursos financeiros. Em um cenário de aumento dos preços de alimentos, é possível que certa parcela da população colocasse em segundo plano, ao menos em um primeiro momento, algumas atividades consideradas, sob seu ponto de vista, não tão “essenciais” a sobrevivência, como era o caso do futebol. No entanto, mesmo neste contexto de adversidades, o periódico faz

questão de destacar o papel de entretenimento que este esporte possuía, sendo ele capaz de “distrair” os presentes ao estádio, mesmo com a partida sendo considerada “fraca”. O futebol assim, começa a assumir uma posição de ser a válvula de escape da população, para os desafios vigentes. Por fim, é curioso notar também o uso do termo “ceder terreno”, para se referir aos movimentos realizados por Sergipe e Paulistano no decorrer do jogo: o campo do Adolpho Rolemberg, tornava-se uma alusão aos campos de batalha na Europa.

Os torpedeamentos ocorridos na costa sergipana também influenciaram no espaço cedido às competições esportivas, em especial o futebol, nos jornais sergipanos. O ataque alemão às embarcações brasileiras, passou a ocupar grande parte do espaço disponível nos periódicos da época, como é o caso do Folha da Manhã. A partir do dia 18 de agosto de 1942, data em que foram veiculadas as primeiras notícias no jornal a respeito do ocorrido, as atenções dos jornalistas se concentraram em cobrir pontos sobre tudo que fosse possível, relacionado ao ataque, como os navios que afundados, o número de vítimas e de possíveis sobreviventes, manifestações populares, além de atualizações da guerra fora do país (Folha da Manhã, 18 de agosto de 1942, pág. 1-8).

Apesar da chegada do conflito a terras sergipanas, os campeonatos da capital e do interior continuaram a ser disputados, sem interrupção. Porém, nota-se uma diminuição considerável no número de matérias a respeito do esporte, nos meses subsequentes ao afundamento das embarcações. Por exemplo, de setembro a dezembro de 1942, menos da metade das edições do jornal abordou os jogos realizados no estado. Ainda assim, o futebol continua como um dos principais programas de lazer da população. Em dezembro desse mesmo ano, o público compareceu em peso ao Adolfo Rolemberg para acompanhar a final do campeonato sergipano:

“Grande foi a assistência que compareceu ao gramado Adolfo Rolemberg na tarde de ontem para assistir o anunciado encontro entre os valores máximos do futebol sergipano: Cotinguiba e Ipiranga.

Foi um espetáculo verdadeiramente sensacional essa luta decisiva do campeonato absoluto do Estado.

Quando o cronometro marcava 15:30, o couro era posto em circulação pelo Ipiranga” (Folha da Manhã, 7 de dez. de 1942, pág. 4)

É importante nesse caso, considerar que, por ser a final do campeonato, vencida pelo Cotinguiba sobre o Ipiranga, a partida teria um potencial natural de atrair uma maior

quantidade de público, se comparado a outros jogos realizados em diferentes momentos da competição. No entanto, não deixa de ser significativo que o esporte continue sendo grande atração, mesmo com as marcas dos torpedeamentos ainda frescas nas memórias do povo, e suas consequências sendo sentidas tanto em Sergipe, com as dificuldades financeiras, a desconfiança e o medo do desconhecido, como no Brasil, após a entrada do país na guerra. O futebol nesse contexto, se torna um meio de fuga, ao menos momentânea, das limitações impostas pelo conflito e pela ditadura do Estado Novo.

Nesse cenário, o palco das exposições esportivas de destaque da capital sergipana era o estádio Adolfo Rolemberg, citado na matéria acima. Construído em 07 de março de 1920, seu nome é uma homenagem ao Coronel Adolfo Rolemberg Leite, doador do terreno onde foi erguido, situado na rua Goiás, dentro do bairro Agamenon Magalhães (SANTOS, 2021). Segundo Melins (2007), a doação foi realizada para o Sergipe e o Cotinguiba, o primeiro sendo o dono da parte do centro do campo, para o sul, e o segundo, assumindo o controle da parte centro para o norte. O “velho Rolemberg”, como era chamado, não detinha de grandes luxos, com as arquibancadas feitas de madeira, não possuía refletores, dependendo da iluminação natural, além de possuir um muro ao seu redor, e a presença em grades de madeira, de uma propaganda da aguardente “teimosa”, atrás das traves (MELINS, 2007). Assim, como bem aborda Santos (2021), o Rolemberg foi o principal palco esportivo do estado, entre as décadas de 1920 a 1940, com as partidas de futebol entre clubes da capital e do interior, e também promovendo a participação feminina em torneios de basquete, críquete, voleibol, cabo de guerra e corrida de velocidade.

Em se tratando do interior, o estádio Gonçalo Prado, na cidade de Maruim, era o destaque nos jogos do campeonato. Após a sua reforma, em 1939, a nova praça de esportes recebeu arquibancadas para acomodar o público, além do aumento das dimensões do seu campo de futebol, de acordo com as leis estabelecidas para essa modalidade (Correio de Aracaju, 15 de fev. de 1939, pág. 6). O dia da inauguração, 18 de fevereiro de 1940, foi marcado pela presença de personalidades no cenário local, como a do próprio Gonçalo Prado, de Raimundo Carvalho, oficial de gabinete da Interventoria, representando o Interventor Federal, e de Adroaldo Campos, diretor e proprietário do jornal *Folha da Manhã*, escolhido pelo próprio prefeito da cidade, para ser o orador oficial do evento. O dia contou com a realização de dois jogos de futebol: o primeiro foi entre os times reservas do Socialista e do Ipiranga, os dois clubes da cidade que foram bastante beneficiados com a reforma do estádio. A segunda partida foi travada entre o Socialista e

o União Textil, clube da cidade de Estância, ligado à fábrica de tecidos que possui o mesmo nome. Inclusive, Alfredo Gomes, representante dos estancianos, esteve presente as comemorações (Folha da Manhã, 20 de fev. de 1940, pág. 1).

É interessante notar nesse contexto, como a atuação da política de estímulo aos esportes e a atividade física, no Estado Novo, contava com amplo suporte dos meios de comunicação. A presença do diretor de um jornal popular como o Folha da Manhã, e os elogios do periódico às autoridades presentes no evento, são um indicativo de como essa relação entre poder central e imprensa era fundamental para a difusão da mensagem que o governo desejava passar.

De 1939 a 1945, o campeonato sergipano de futebol foi disputado sem grandes interrupções, sendo o torneio dividido entre o campeonato da capital e o campeonato do interior. O primeiro, como o próprio nome adianta, era disputado apenas pelos times que residiam em Aracaju. Em 1939, oito clubes disputaram o torneio, sendo eles: Sergipe, Cotinguiba, Vasco, Siqueira, Palestra, Vitoria, Guarani e Paulistano. Até o ano de 1945, as únicas alterações nesse grupo foram as saídas de Guarani e Vitória, que encerraram suas atividades esportivas, e o Siqueira Campos Futebol Clube, fundado por militares do 28º Batalhão de Caçadores, passou a se chamar Olimpico Futebol Clube. Já o torneio do interior, era realizado por quatro clubes, que permaneceram os mesmo por todo o período da guerra: Laranjeiras e Riachuelo, dos municípios de seus respectivos nomes, e Ipiranga e Socialista, ambos da cidade de Maruim. Assim, os campeões dos campeonatos da capital e do interior disputavam uma final no modelo “melhor de três”, ou seja, aquele que em uma série de três partidas, obtivesse mais vitórias, seria consagrado o campeão estadual de futebol.

Os clubes do interior merecem uma atenção. O esporte era muito popular em centros como Maruim, Riachuelo, Laranjeiras, Estância, Itabaiana, e nos demais cantos do estado, com os clubes desses municípios conseguindo importantes resultados nas competições estaduais, como foi o caso do Riachuelo, campeão sergipano do campeonato de 1941, sobre o Cotinguiba. O Rio Branco Sport Club, por exemplo, por mais que não disputasse os campeonatos, sempre atraía times da capital, para jogarem em Capela, sua cidade natal. Porém, mesmo com essa relevância, os clubes situados em Aracaju ganhavam mais destaque da imprensa, especialmente nos jornais da época.

Neste contexto futebolístico, na capital, também existiam os clubes do subúrbio. A exemplo dessas equipes, existiam o Galisa, o Brasil, o Energia, o Minerva, o Estado Esportivo, o Santa Cruz, o Palestrinha Juvenil, o Bonsucesso, o América, o Confiança,

entre outros. Esses times, geralmente oriundos das zonas menos privilegiadas da cidade, não disputavam o campeonato estadual, possivelmente devido a sua menor condição financeira, o que dificultava a inscrição de jogadores junto a Liga Sergipana de Esportes Atlético. Sobre esses pontos, é importante fazer uma ressalva com relação ao Confiança. Seu caráter popular advém do acolhimento que recebeu das zonas mais periféricas da cidade, e de bairros cuja população era composta em sua maioria por operários, e não por possuir uma eventual origem humilde, já que, seu fundador, o industrial Sabino Ribeiro, ocupava posições elevadas na hierarquia social local (MEDRADO, 2020).

Nesse sentido, a exemplo do que aborda Santos (2009), sobre a criação das ligas de futebol no Rio de Janeiro no início do século XX, a Liga Sergipana mostrava-se como um meio de distinção social, pois os clubes que a ela eram filiados atendiam uma série de requisitos financeiros, e pertenciam, ao menos com base em suas origens, às camadas mais privilegiadas da sociedade, e consideradas, assim, mais civilizadas.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIAS DO FUTEBOL SERGIPANO

3.1- Os cracks do jogo

Nas décadas de 1930 e 1940, o futebol já se encontrava consolidado como o esporte mais popular do estado. Antes vista como uma “atividade de desocupados”, a modalidade já estava sendo bastante difundida, com as partidas na capital sendo disputadas no campo de estrutura simples da Praça Plínio Machado, atual Tobias Barreto (DANTAS JUNIOR, 2017). A prática do esporte também é impulsionada após o Cotinguiba Sport Club e o Sergipe Sport Club, antes voltados apenas para a prática do remo, formarem suas equipes futebolísticas a partir de 1917.

Assim, como já foi abordado anteriormente, em 1920 é realizada a construção do estádio Adolfo Rollemberg, em Aracaju, e no ano de 1940, é reinaugurada a praça de esportes da cidade de Maruim, agora batizada de Gonçalo Prado, em homenagem ao prefeito em atividade no período, e que viabilizou a obra. Esses espaços estimuladores da cultura física, valorização do corpo e da higiene, atraíram a participação cada vez maior da população nos espetáculos esportivos, tanto na capital quanto no interior.

E foram nesses espaços que os cracks sergipanos do período faziam surgir as mais variadas emoções nos torcedores que se deslocavam de suas casas, em direção aos palcos dos espetáculos esportivos. Esses esportistas eram os grandes personagens da grande atração que se tornava o futebol naquele período, destacando-se nomes com Português, Gineu, Sinhô, Charuto, Autran, Seu Deixa, Cacetão, entre outros (CABRAL, 1955). A popularidade desses atletas aumentava de forma considerável, com transmissão das partidas através da Rádio Aperipê, fundada em 1939, depois passando a ser chamada de Difusora (MELINS, 2007). Outro importante veículo de divulgação eram os jornais, que realizavam a cobertura dos clubes e seus atletas de forma praticamente diária, informando a respeito das escalações para as partidas, treinos realizados, notícias sobre transferências de atletas, além de elogios e críticas ao desempenho desses nos jogos. A matéria do Correio de Aracaju é um bom indicado de como era a atuação dos periódicos nas partidas realizadas:

“A respeito do encontro de ante-ontem, ouvimos algumas impressões.

Gineu, o grande controlador do ataque rubro, disse-nos: “nossa derrota devemos ao center-half e ao zagueiro esquerdo, que atuaram infelizes”.

Também, o sr. Izaias Alves de Sousa, técnico da Liga, declarou-nos que a “a causa da derrota do Sergipe residiu nas substituições erradas feitas pelo sr. João Bezerra. O aconselhável seria colocar João Luiz na zaga com Miguel e afastar Antonio Campos que estava fraco. No lugar de João Luiz, incluiria Bocara”. (CORREIO DE ARACAJU, 01 de Jan. de 1939, pág 6)

A notícia traz uma declaração do importante atacante do Sergipe, Gineu, que comenta a causa da derrota de seu time para o Vitória, outro clube da capital. É interessante notar como o atleta não mede palavras e atribui a derrota a seus dois companheiros de equipe, criticando seu desempenho. Do mesmo modo, o diretor técnico da liga sergipana, Izaias Alves, opina sobre as escolhas para ele equivocadas do treinador do Sergipe, João Bezerra. Nesse sentido, reportagens como essa, que conseguia os depoimentos de Gineu, um dos principais jogadores do time rubro e do campeonato, assim como a declaração de um alto funcionário da liga, poderiam ser considerados tiros certos do jornal, já que tais figuras importantes atraíam grande atenção por parte do público, principalmente o primeiro citado, já que o Sergipe era o clube mais popular do estado.

Essa relação da imprensa com os jogadores e os clubes era realizada de forma bastante próxima, com os jornais por muitas vezes tecendo elogios as equipes e aos atletas. Um exemplo dessa proximidade, foi a realização, a partir do ano de 1940, do “Concurso do crack absoluto”, por parte do *Correio de Aracaju*, em que o público poderia votar no melhor jogador, após o final de cada rodada do campeonato (Correio de Aracaju, 02 de set. de 1940, pág 2). Os atletas, então, eram tratados como grandes “heróis” após as vitórias de seus respectivos clubes, além de serem cobrados como exemplos de condutas a serem seguidas pela população, o que evidencia a influência da mentalidade aristocrática relacionada as origens do esporte no país, ainda presente no noticiário esportivo, assim como, a conformidade com os valores e práticas estimuladas e reforçadas pelo regime estadonovista. A imprensa nesse contexto, assumia a posição de colaborada do esporte estadual, já que seu desenvolvimento era importante para passar uma boa imagem, do futebol e do cidadão sergipano para o restante do país (Correio de Aracaju, 20 de jan. de 1939, pág. 6).

Porém, a postura dos periódicos não era totalmente favorável aos personagens que faziam parte do cenário esportivo do estado, sendo realizadas também, críticas ao desempenho de jogadores, de juízes e dos treinadores. Quando isso ocorria, por vezes haviam reações daqueles a quem os comentários jornalísticos se referiam, o que provocava a defesa do periódico, como pode ser observa em uma notícia destinada aos jogadores: “Nosso jornal de opinião própria; portanto as crônicas interpretam fielmente as ocorrências verificadas sendo-nos indiferente que dentro da verdade incontestes sejamos desagradáveis a qualquer pessoa ou Club” (Correio de Aracaju, 20 de jan. de 1939, pág. 6).

Nesse sentido, é interessante questionar se o descontentamento com as notícias do jornal, existiam apenas por parte de dirigentes de clubes e jogadores, ou também se os próprios torcedores dos clubes se incomodavam com os comentários da imprensa, como mostra o trecho final da matéria: “Não consideramos honesto dar ao “Sergipe” o que pertence ao “Palestra” ao “Cotinguiba” o que o direito outorga ao “Paulistano”, e vice-versa. Dentro dessas normas, agimos com os demais Clubes da capital e interior do Estado (Correio de Aracaju, 20 de jan. de 1939, pág. 6). O jornal então encontrava-se no meio de um cenário delicado e por vezes controverso, de vigilância do estado para transmitir os ideais do regime, de um jogo político e midiático com clubes e seus jogadores, além do cuidado que precisava ser dispensado ao público geral, que comprava os periódicos.

A respeito da utilização da figura dos jogadores pela imprensa, Melina Pardini (2009) aborda a respeito do papel de Leônidas da Silva, principal jogador brasileiro durante o período do Estado Novo, teve sua imagem amplamente utilizada pelo regime. Atacante habilidoso, de drible fácil e eternizado com o famoso gol de “bicicleta”, Leônidas, um jogador negro e proveniente das classes mais populares do Rio de Janeiro, cujo estilo de jogo se baseava na habilidade, grande capacidade individual e de improviso, foi amplamente chamado para diversas campanhas comerciais, já que sua imagem se aproximava das classes operárias e das massas de trabalhadores. Essas características acima citadas, não entravam em consenso com o modelo de trabalhador idealizado pelo governo, baseado na disciplina e padronização de ações (PARDINI, 2009).

Mesmo com o conflito de interesses, entre postura dos jogadores dentro de campo e o estilo de se praticar futebol no país, com a idealização realizada pelo governo, do que seria a forma correta de se praticar o futebol, Leônidas ocupou grande espaço na mídia, muito devido a sua capacidade de chamar a atenção, principalmente das massas. Esse aspecto foi bem explorado pelo governo Vargas na Copa do Mundo de 1938 na

França, onde o então governante se utilizou do evento para reforçar e consolidar os ideais de nacionalidade e patriotismo, exaltando sua própria figura. É importante ressaltar que Leônidas da Silva não aceitou todo o trabalho realizado em cima de sua imagem de forma passiva: este também se utilizou da exposição recebida para ocupar um espaço na sociedade, que, talvez não fosse possível sem o futebol, devido à falta de oportunidades para um homem como ele, que não pertencia ao padrão requisitado pela hierarquia governamental do período, principalmente com relação a cor da sua pele.

Em Sergipe, muitos jogadores no período de 1939 a 1945, foram utilizados de forma intensa pelos periódicos locais. Um caso interessante é o de Dengoso, este ficou bem conhecido e procurado pela imprensa no ano de 1941, após ter um papel fundamental na conquista do campeonato sergipano deste mesmo ano, pelo Riachuelo, clube do interior que leva o nome de seu município, e venceu o Cotinguiba na final do torneio. O clube do interior venceu as duas primeiras partidas da sequência de “melhor de três”, disputada no Adolfo Rolemberg, na capital, terminando com o título do time riachuelense, um feito muito relevante, pois a “Universidade”, como era chamado o time de Aracaju, jogava com a torcida a favor, além de ser um dos mais populares do estado. O *Folha da Manhã* fez a cobertura da partida:

“Perante uma assistência grande, realizou-se, ontem, o tão almejado cotejo entre os fortes conjuntos do interior e da capital.

Riachuelo e Cotinguiba fizeram a 2ª partida em busca do título máximo do campeonato do Estado.

Foi uma partida cheia de entusiasmo por parte da assistência e dos clubes preliantes.

Jogo movimentadíssimo em que ambos os quadros tudo fizeram.

Cotinguiba jogou bem, sendo, entretanto, levado de vencida pelo Riachuelo que se portou em melhores condições nas jogadas.

4x2 é um escore que significa claramente o valor de um conjunto.

E foi por quanto venceu o Riachuelo. (Folha da Manhã, 02 de fev. de 1942)”

O jogo contou com grande público e foi bastante movimentado, segundo a notícia do jornal, que também elogiou a força coletiva do Riachuelo, ressaltando o alto placar da vitória. Os gols do time interiorano foram marcados por Antônio Paulo (duas vezes), Dengoso, o já reconhecido centro-avante da equipe, e Pimenta, marcando o 4º tento. Outros destaques do Riachuelo foram o goleiro Cavalcante e os jogadores de linha,

Cancão, Azarias, Avelino, Alvino, Epidio, Cedreiro e Sandoval. O último citado, inclusive, cometeu um pênalti ao desviar a bola com o braço dentro da grande área. A cobrança, no entanto, não foi aproveitada por Gordinho, requisitado atacante do Cotinguiba, que chutou a bola para fora. O clube da capital contava com jogadores de destaque no estado, além do já citado atacante, compunham a equipe nomes como Pirricha, Américo, Zé Grilo, Percy, Seu Deixa, Miro, Baiano, Juvencio e Lô, o que mostra o importante feito conquistado pelo Riachuelo. Nesse contexto, o nome mais falado do título do campeonato sergipano era o de Dengoso:

“Dengoso, o espetacular...

Quem assistiu domingo o Riachuelo se sagrar Campeão do Estado, naquela dura parada com o “Cotinguiba” por certo se sentiu entusiasmado com o “centro-avante do Riachuelo, Dengoso, que foi a grande atração” do embate mais empolgante da temporada de 1941. Consciente, estucioso e de “fina malícia”, Dengoso como atacante, nos gramados do Estado, está ABSOLUTO! Espetacular, mesmo!... Contribuiu para as vitórias de suas cores, tornando-a ter vezes campeã! Campeão do torneio do Interior – Campeão do Interior – Campeão do Estado – o Riachuelo assim, o foi, disputando com honra os grandes prêmios em que tomou parte. (Folha da Manhã, 04 de fev. de 1942, pág 2)”

Como é possível notar, já pela introdução da notícia, Dengoso foi a principal atração da partida, assim como era uma das figuras de maior destaque do futebol sergipano do período. Nesse sentido, como aconteceu com Leônidas em âmbito nacional, com as devidas proporções, a figura de Dengoso foi explorada e exaltada no cenário local, sendo seu reconhecimento reforçado como um mito pela tradição oral presente na cultura do povo (PARDINI, 2009). Assim, o atleta era citado como “infernai”, ou “espantalho das defesas adversárias, pelo periódico (Folha da Manhã, 04 de fev. 1942, pág 2). Outro ponto importante, são os elogios recebidos pelo jogador na matéria acima, sendo taxado como “consciente”, “estucioso” e de “fina malícia”, pois este último, principalmente, apresenta uma certa contradição com os valores pregados e impostos pelo governo. Essa postura da imprensa também era presente no caso de Leônidas, como ressalta Pardini (2009)

“Em um regime constituído por ideais elitistas, eugênicos, burocráticos e racionais a adoração popular de Leônidas fomentava uma conflituosa relação entre os valores do regime e o ídolo da massa. Algumas vezes, os jornais

publicavam uma caricatura do futebolista ressaltando sua malandragem, descompromisso e rebeldia mas, em outras situações, enalteciam suas realizações dentro de campo, salvadoras da nação” (PARDINI, 2009, pág. 107)

Assim, ao mesmo tempo em que era exaltado por sua consciência dentro de campo, em um elogio a sua inteligência e postura, Dengoso também recebia elogios pela sua “malícia”, em uma referência ao imaginário relacionado ao “estilo brasileiro” de jogar futebol, marcado pela ousadia e tirando vantagem em situações adversas. Essa atitude do jornal representa, como cita DaMatta (1983), o desafio da linha entre o que é permitido e o que é proibido, atitude motivo de orgulho para o brasileiro.

No início do ano de 1942, Dengoso era o jogador sensação do futebol sergipano, e a imprensa esportiva contribuía e muito, para a sua popularidade. Nesse contexto, o Nordeste também não queria perder a oportunidade de explorar a imagem do jogador do Riachuelo, e atrair a atenção do público e possíveis consumidores:

“Dengoso, a maravilha do Riachuelo!...

[...] Uma coisa porém nos deslumbrou os olhos: foi o espetáculo, a virtuosidade e as brilhantes qualidades exteriorizadas pelo incrível centro-avante Dengoso!

Vendo o jogar, tivemos a impressão de que estávamos assistindo a “miniatura” de Leonidas na cancha..., “Maravilhoso esse negrinho do Riachuelo”, balbuciou um torcedor a nossa frente.

“Olha o que ele fez”. Olhamos também. No pico da grande área o negro recebêra um passe de Cedreiro e foi imediatamente perseguido por Zé Grilo; bateu-o com: um dible estonteante, desviando um pouco para o lado esquerdo; foi quando Américo partiu ao seu encontro. Já na pequena área, frente a frente com o seupositor, Dengoso idealizou a mais brilhante jogada que já temos visto nesses últimos tempos e com um ligeiro golpe de pé direito mandou a pelota dormir mansamente nas malhas do grande arqueiro cotinguibense. (O Nordeste, 19 de fev. de 1942, pág 2)

A matéria ao mesmo tempo que elogia as qualidades coletivas do time do Riachuelo, mostrando a importância que um trabalho em conjunto exerce na realização de uma atividade e no seu êxito, também destaca as qualidades individuais de Dengoso, colocando-o como o protagonista da conquista do clube do interior. Essa postura, como já ressaltou Pardini (2009), marca o conflito entre a valorização da uniformidade e padronização dos corpos e atitudes, impostas pelo regime varguista, com o improvisado e a

individualidade presente dentro dos campos de futebol no país. Outro ponto importante é a comparação com Leônidas da Silva, pois, como o famoso jogador da seleção brasileira, Dengoso era atacante, possuía habilidade e “ousadia”, além de ser negro, aspecto que é ressaltado pela matéria, o que mostra como a questão racial também influenciava nas análises da imprensa e dos torcedores.

Neste período, os jogadores de futebol no estado, como Dengoso, também estavam envolvidos na debatida questão amadorismo x profissionalismo. A discussão não era recente, vindo deste os primeiros momentos em que o futebol começou a se tornar um meio de se obter algum recurso financeiro, com uma prática chamada “amadorismo marrom”, ou seja, consistia no pagamento de determinada quantia financeira, de forma não explícita, a jogadores que possuíam origem nas classes menos privilegiadas da sociedade, para que eles atuassem como amadores (SANTOS, 2012). Segundo Ricardo Santos, essa prática era realizada de forma discreta, pois feria o princípio do amadorismo, baseado em não se obter vantagens econômicas através do esporte. Nesse contexto, mesmo com a profissionalização do futebol em 1933, existia uma aversão a chegada do profissionalismo na modalidade, principalmente por parte da imprensa. A notícia do Folha da Manhã evidencia essa postura:

“O Profissionalismo, grande mal do nosso esporte.

Estamos nas vésperas do torneio *initium* para o campeonato de 1942.

Movimentam-se os times para a formação dos quadros com que hão de tomar parte no próximo certame.

Cada um alimenta o desejo de apresentar em campo um quadro forte, homogêneo, capaz de *fazer barulho no torneio* e ainda durante o ano esportivo.

E daí começa a pescaria.

A pescaria de jogadores.

Mas os nossos *cracks* já estão muito sabidos e aguardam a última hora para se inscreverem...

Em vão os times sacodem os seus lanços e voltam com as suas redes vasias.

Porque assim?

O profissionalismo! O grande mal, o mal maior do momento, que tem entravado o progresso do nosso esporte” (Folha da Manhã, 19 de fev. de 1942, pág 2)

Para o jornal, parece ser o profissionalismo a causa do atraso futebolístico no estado, já que os atletas agora passam a reivindicar maiores vantagens para jogarem pelo clube que está interessado em contar com seu trabalho. Estava vivo no imaginário da imprensa esportiva, o ideal do *sportsmen*: o atleta que transcendia o campo de jogo, e se portava com cavalheirismo e a conduta adequada para o público, tornando-se o que havia de melhor na sociedade, ideia essa que possuía um caráter bastante elitista (SANTOS, 2012). Nesse sentido, a profissionalização do esporte era vista com a razão do fraco rendimento dos jogadores, em partidas que não agradavam os jornais, assim como, os atletas profissionais eram acusados com certa frequência de estarem acomodados, e por isso não tinham bom desempenho (Folha da Manhã, 06 de jul. de 1942, pág. 4). No entanto, o amadorismo ainda vigente em Sergipe, levava a situações como a descrita pelo Folha da Manhã:

“Miguel deixa Sergipe!...

Segundo soubemos de fonte autorizada Miguel viajou ante-ontem para Maceió.

Ainda tivemos informações que o grande crack sergipano irá jogar pelo C.R.B, não tendo ainda, entretando, nada firmado com aquele clube alagoano. Foi motivada a retirada do simpático jogador do nosso Estado pelo fato de ter sido o mesmo demitido do emprego que tinha e, em virtude de lhe ser difícil uma colocação capaz de manter sua pessoa, o único caminho a tomar foi esse: seguir em busca de outras vantagens.

Não querendo Miguel dirigir-se á diretoria do clube rubro afim de transmitir-lhe as suas intenções, procurou pessoas amigas e abordou todos os pontos que lhe afetavam, conseguindo com os mesmos donativos para as despesas de viagem” (Folha da Manhã, 09 de jul. de 1941, pág 2)

Segundo a matéria, o prestigiado atacante sergipano Miguel, deixou o Sergipe por ter sido demitido do emprego em que estava, e por isso não tinha mais como se sustentar. Ao que parece, recebeu uma proposta do CRB de Alagoas, e por isso, com a ajuda de pessoas próximas, comprou uma passagem e viajou para Maceió. É interessante observar como, mesmo Miguel, um dos principais jogadores do estado, não possuía condições de se manter financeiramente apenas por meio do esporte, uma vez que havia sido dispensado de sua outra ocupação. O amadorismo do futebol sergipano cobrava seu preço, e dificultava o aumento do nível técnico no cenário regional, fato esse que curiosamente, não era questionado pela imprensa. Além disso, carregado de um sentido

aristocrático, o amadorismo inviabilizava a maior criatividade no jogo, já que para as elites o que mais importava eram os aspectos morais e sociais, e não a qualidade técnica das partidas (SANTOS, 2012).

Sendo assim, observa-se como os jogadores ocupavam um espaço central no cenário esportivo sergipano, sempre presentes no imaginário e cotidiano dos torcedores e da imprensa. Esta última, era a principal responsável pela exaltação dos atletas como símbolos e exemplos de conduta a serem seguidas dentro, e fora de campo. O contraditório nesta situação, eram os jornais mostrarem-se contra o profissionalismo na modalidade, medida essa que seria benéfica para melhorar o nível técnico do esporte, aspecto sempre cobrado pelos próprios periódicos.

3.2 – A experiência futebol: Conflitos e sentimentos

Roberto DaMatta, em “*Futebol: ópio do povo x drama de justiça social*” (1982), aborda sobre o grande diferencial do futebol para demais atividades existentes na sociedade, pois, praticado como um *jogo*, este possui regras fixas, o que permite a igualdade entre seus participantes, sendo o desempenho, seu principal critério de avaliação. É a relação dos atletas entre si, com essas regras a serem seguidas e com os árbitros, por exemplo, que tornam o futebol em algo tão atrativo (DAMATTA, 1982). O autor ainda completa que, em uma sociedade baseada na hierarquia, como é o caso Brasil, o futebol torna-se o espaço onde é possível colocar em prática a individualidade e a liberdade de atitudes por parte daqueles que o compõem, revelando seus pontos fortes e fracos, sem julgamentos sociais.

Assim, com seu caráter igualitário, além da maior facilidade em praticá-lo, o futebol também foi um meio pelo qual as camadas populares, principalmente, puderam integrar o processo de modernidade surgido a partir do século XX no Brasil, marcado por diversas mudanças socioculturais nas práticas do cotidiano da população (SANTOS, 2012). O esporte neste período moderno, como afirma Santos, passa a assumir então uma importância comercial, que possibilita a formação de espetáculos profissionais. Neste contexto, baseadas nas mudanças sofridas pela sociedade, os diversos agrupamentos, lugares e enredos sociais recém-formados ou que existiam e foram modificados, necessitavam de novas ferramentas que lhes garantissem ou entregassem coesão social e

identidades, construindo relações sociais (HOBSBAWM; RANGER, 1997). O futebol era um desses instrumentos.

Neste contexto, já estando consolidado no gosto popular, como uma das atividades esportiva e de lazer mais difundidas no Estado, o futebol a partir da década de 1930 também começa a se tornar em uma importante opção de renda para aqueles que estão envolvidos nessa atividade. Assim, tornou-se cada vez mais comuns casas comerciais e lojas diversas buscarem divulgar seus produtos nas partidas dos campeonatos, principalmente nas finais, oferecendo prêmios aos vencedores, assim como organizando torneios amistosos para divulgarem suas marcas, como mostra a notícia:

“Segundo estamos informados, está sendo providenciado junto a Leste Brasileiro, a circulação de um trem suburbano de Maroim e Aracaju, com retorno, afim de que a população das cidades vizinhas, mais facil, cômoda e economicamente se transporte á nossa Capital no próximo domingo. Firms comerciais desta praça vão distribuir significativos prêmios aos clubes e seus “cracks”.

Inicialmente, surgem P. Franco & Cia, firma representante dos conhecidos rádios e refrigeradores “Philco”, oferecendo ao clube que se sagrar campeão sergipano de futebol de 1940 um belíssimo e curioso troféu intitulado – TAÇA “PHILCO”.

Ainda os srs. P. Franco & Cia. Distribuirão domingo, no momento de ser iniciada a grande porfia, 22 caixas do popular sabonete EUCALOL, entre os jogadores que nele tomaram parte. (Correio de Aracaju, 07 de maio de 1941, pág 2)

Nesse contexto, desde a fundação da Liga Sergipana de Esportes Atlético (LSEA) em 1926, e com o processo de profissionalização dos jogadores em 1933, é possível notar a tentativa de institucionalização e organização da modalidade esportiva no Estado, de modo a transformar o futebol em uma atividade produtiva e rentável (PARDINI, 2009). Neste período, era comum a vinda de clubes de estados vizinhos, como Bahia e Alagoas, a solo sergipano para a realização de partidas amistosas com clubes locais, assim como a ida de equipes de Sergipe a esses centros, fazendo excursões esportivas.

Além disso, existia a formação de selecionados estaduais para a disputa do campeonato brasileiro de futebol, organizado pela CBD, contando com equipes formadas pelos principais jogadores de cada Estado, que se reuniam para representar suas

localidades. Essas viagens atraíam o interesse da população, comparecendo em peso aos estádios, o que se convertia em retorno financeiro para seus realizadores.

Porém, mesmo com medidas que visavam dar um caráter mais “sério” e profissional a esse esporte, e que contavam com o apoio da imprensa em divulgar essas propostas, dentro de campo, notava-se uma contradição com relação aquilo que era almejado pelas autoridades e jornais.

Nesse contexto, a matéria do *Correio de Aracaju* aborda o triunfo do Sergipe sobre o Vitória, da Bahia, pelo placar de 8x4, em um amistoso disputado na capital. Apesar da euforia que o resultado causou no círculo esportivo do estado, o que chamou mais atenção foi a briga ocorrida entre os jogadores dos dois clubes:

“[...] Numa investida do Sergipe, Augusto desarma Renato. Este atinge Augusto, nas costas, com um “foul” violento, Celino, zagueiro visitante, entra em Renato com os pés, Renato se defende, há atitudes agressivas e o “bolo” começa. Gineu dá um ponta-pé em Valter, traiçoeiramente. Também traiçoeiramente Carmini dá um sôco em Chiquinho. A polícia entra em campo. O juiz expulsa mui justamente a Celino e Carmini, do Vitória e a Renato e Gineu, do Sergipe. Quando público pensou que o triste e lamentável ocorrido havia se dissipado, eis que o Sergipe não quer se submeter á deliberação do juiz. O esquadrão rubro parece querer deixar o gramado. Ameaça mesmo de assim fazer, caso o juiz persista em não consentir que se dêm substitutos áqueles que foram expulsos.” (Correio de Aracaju, 23 de mar. de 1942, pág. 5)

Chama a atenção a briga generalizada entre os jogadores, com sucessivos lances de violência que fogem ao que é normalmente “aceito”, dentro de uma partida de futebol, tanto que a polícia intervém para acabar com a confusão. Nesse ponto, Santos (2012) aborda que a violência faz parte do jogo, mesmo ela sendo condenável, já que o esporte é um importante meio para se pensar sobre a sociedade, e o próprio ser humano, englobando suas formas. Além disso, é curioso ver a insubordinação dos atletas a autoridade máxima do jogo: o juiz. Esse elemento é importante, pois em um período autoritário, com foi a ditadura do Estado Novo, o arbitro, responsável por impor a ordem e controlar as condutas dos *players*, representava a figura do próprio Estado dentro campo. O desrespeito, tanto ao juiz, com a ameaça do Sergipe em deixar o gramado, e as regras do esporte, já que, se um jogador é expulso, este não pode ser substituído por outro atleta, mostram a discordância com aquilo que o governo impunha como o correto a ser seguido, assim como, com as medidas que buscavam dar ao futebol um caráter mais

profissional. A matéria prossegue, sendo possível perceber uma contradição ainda maior com este último aspecto:

“O juiz tenta manter a sua autoridade. Entram em campo diretores do Sergipe. Alguns perdem a necessária calma e maltratam, com termos injuriosos, ao juiz. Odilon deixa o apito. (É triste tudo o que se passa). O presidente da Federação, Antônio Policiano de Vasconcelos toma para si o encargo de continuar apitando a pugna, consentindo que tanto o Sergipe como o Vitória, dessem substitutos aos indisciplinados. Com franquesa como este gesto apaziguador de Policiano, se bem que cercado de uma boa intenção, teve os seus inconvenientes. Um juiz que quis manter a sua atitude, atitude justa, não foi apoiado como de direito. Alteraram-se dispositivos das regras de futebol e mais do que tudo isto, foi o exemplo que ficou. Amanhã, não se deve extranhar que outro clube faça imposição idêntica. Deve-se extranhar é se ela não fôr. O Sergipe devia continuar a partida com 9 jogadores. O Vitória também.”
(Correio de Aracaju, 23 de mar. de 1942, pág. 5)

Além dos questionamentos dos atletas, diretores do Sergipe entram no campo para reclamar com o juiz, de forma agressiva. A insubordinação é tamanha, que o próprio arbitro decide abandonar a partida, sendo ela assumida agora pelo próprio presidente de Federação, Antônio Policiano. Este, desfaz as decisões antes tomadas pelo apitador do *match*, e permite as substituições dos jogadores expulsos, em uma demonstração de poder, colocando-se acima das próprias regras do jogo. O jornal, nesse caso, se posiciona contra as atitudes tomadas por jogadores, dirigentes e pelo chefe da Federação Sergipana. Toda essa sucessão de eventos narrados pelo periódico mostram o estágio ainda amador da organização dos eventos esportivos sergipanos.

Outros casos também reforçavam a ainda precariedade na realização de eventos futebolísticos no estado, e o semiprofissionalismo existente, como partidas adiadas devido as chuvas que deixavam os gramados, geralmente ruins, alagados. Também, jogadores que faltavam aos treinos de suas equipes, e clubes que se atrasavam para o horário das partidas, com a conivência dos delegados da FSD, segundo o jornal (Folha da Manhã, 28 de maio de 1942, pág 2). É interessante observar que os comunicados dos clubes para seus atletas eram transmitidos através dos jornais, assim, avisos a respeito de horários dos treinos e de jogos, eram passados para os jogadores através da própria imprensa.

Um aspecto que resume como o futebol sergipano ainda possuía uma organização em parte amadora, era a questão da arbitragem, pois os juízes das partidas eram muito criticados pela torcida e pelos jornais. Além disso, os árbitros em geral, eram jogadores de clubes que não pertenciam a nenhum dos clubes envolvidos na partida que ele estava apitando. A matéria do Folha da Manhã é uma amostra dessa situação:

“As direções de ambos os preliantes deverão, antes de tudo, escolher um juiz que saiba tornar a partida interessante para a assistência.

Devem lembrar-se que, ultimamente o público pagante está fugindo das canchas, devido a certos árbitros que têm deturpado as regras do futebol.

Saibam organizar o match para corresponder á expectativa dos torcedores que irão ao “Adolfo Rolemberg” (Folha da Manhã, 11 de nov. de 1941, pág 2)

De acordo com a notícia, os clubes que organizarão um amistoso, Palestra e Sergipe, devem escolher o juiz da partida de forma cuidadosa. As críticas se referem as marcações questionáveis dos árbitros sergipanos, que segundo o jornal, “deturpavam as regras do futebol”. A matéria também afirma que muitos torcedores estariam deixando de acompanhar as partidas, devido ao nível baixo da arbitragem. Essa afirmativa é questionável, já que o futebol permanecia como a principal atração esportiva do período, gerando boas rendas para seus organizadores. No entanto, a insatisfação do público com os árbitros era sim, algo presente nos estádios, haja vista as constantes ofensas aos juízes durante os jogos (Folha da Manhã, 26 de jan. de 1943, pág 4).

Portanto, através de diferentes casos de conflitos entre jogadores e árbitros, protestos da torcida e críticas da imprensa para os dirigentes, juízes e com relação a organização da Liga, é possível perceber a ainda “atrasada” estruturação do futebol sergipano durante o período da Segunda Guerra. No entanto, mesmo com todas essas dificuldades encontradas, o público nas partidas se fazia presente em bons números, e o interesse na população com o esporte, e tudo que o envolvia, tornava o futebol não apenas um meio de entretenimento, mas também um meio de liberação das emoções e de liberdade de condutas, ao menos de maneira momentânea, nos complicados anos de 1939 a 1945.

CONCLUSÃO

O contexto beligerante da Segunda Guerra Mundial, somado a uma realidade autoritária imposta pelo governo de Getúlio Vargas, impôs aos sergipanos restrições econômicas e em seus hábitos cotidianos. Após os torpedeamentos dos navios nacionais entre a costa de Sergipe e Bahia, em agosto de 1942, o sentimento de revolta, medo e angústia predominou no estado, com grande participação da imprensa local, que realizou ampla cobertura do acontecimento. Assim, perseguições a estrangeiros naturais do Eixo, escassez de gêneros alimentícios, dificuldades com o transporte público e constantes blackouts, foram rotineiros para a população sergipana durante os anos de 1939 a 1945.

Durante as décadas de 1930 e 1940, o estado possuía seus pontos de lazer, e na capital, era possível notar a presença de bares, snookers, sorveterias, cafés, os bórdeis, e demais locais que dentre suas funções, a principal era entreter os aracaJuanos. Nesse contexto, os esportes eram presentes no dia-a-dia local, com as regatas ao longo do Rio Sergipe, jogos de basquete, turfe, voleibol, e em especial, o futebol. Modalidade mais popular entre os sergipanos, o esporte originado da Inglaterra, logo se propagou em Sergipe como uma atividade do povo, por mais que os clubes tenham o tomado para si, revestindo-o com regras e formas de conduta para distinguir seus praticantes, os *sportsmem*, dos demais membros da sociedade. Porém, o futebol já havia sido apropriado pelas camadas populares devido sua simplicidade com relação a organização, que permitia a estes setores sua participação efetiva, como praticantes, neste esporte.

Sendo assim, no período que compreende o maior conflito armado já visto na história da humanidade, o futebol significou, para o povo aracaJuano e interiorano, uma distração de todo o contexto vivido naquele momento. Ele possibilitava aos cidadãos ter uma opção de lazer aos finais de semana, um momento de reunião com a família e os amigos. Mais do que isso: o futebol em Sergipe, nos anos 30 e 40 era um veículo por meio do qual a população protestava nos estádios, contra a censura imposta pelo governo Vargas. Assim, tanto o Adolpho Rolemberg, como o Gonçalo Prado, tornava-se locais de contestação a ordem vigente, de “anarquia”, e de liberação das emoções, por parte de torcedores e jogadores.

Portanto, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas a respeito do futebol sergipano durante a Segunda Guerra, que não foram contempladas neste trabalho. No entanto, a presente pesquisa pode servir como um ponto de partida para aqueles que se interessam pelo tema, e desejam se aprofundar nas práticas futebolísticas do período.

Afinal, os gramados sergipanos tornaram-se palco para verdadeiras batalhas, cujos seus combatentes, ao invés de portar armas, utilizavam chuteiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina, 1955.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: Conversas sobre história e imprensa**. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.
- CRUZ, Luiz Antônio Pinto; ARAS, Lina Maria Brandão. **A Cidade dos Malafogados: O cotidiano de Aracaju durante a Guerra Submarina em Sergipe (1942-1945)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- DAMATTA, Roberto. **Futebol: ópio do povo x drama de justiça social**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 1, 4, p. 54-60, nov. 1982.
- DAMATTA, Roberto (Org). **Universo do Futebol. Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira. **Esporte e espetáculo na modernidade aracajuana: os clubes esportivos como instituições educativas (1909-1918)**. Disponível:
https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/files/PIFKGEPK.doc. Acesso em: 03 de Março. 2022.
- DOUGAN, Andy. **Futebol & guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**. 3v. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1989.
- FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Ed.), 2005.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- FREITAS, Itamar. **O historiador e suas fontes**. Informe Sergipe, Aracaju, p. 2-2, 01 out. 2000. Acesso em: 02 nov. 2020.
- GONDIM, Laíse Mello; LINHARES, Ronaldo; OLIVEIRA; Flávia Santos. **Jornal Correio de Aracaju e o fim da Segunda Guerra**. VII Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza, 2009.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. 3. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015.

MACHADO, Felipe Morelli. **Bola na Rede e o povo nas ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938: o futebol construindo a “nação”**. *Recorde: Revista de História do Esporte*, São Caetano do Sul, Vol. 4, nº 1, p. (1-40), junho de 2011.

MARANHÃO, Tiago. **Jogo, logo existo: uma história cultural do football no Recife no início do século XX**. In: SILVA, Gisela Brito; SCHURSTER, Karl. **Histórias do Recife: entre narrativas do passado e interpretações do presente**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011. P. (208-225).

MAYNARD, Dilton Cândido Santos; MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **Dias de luta: traços do cotidiano em Aracaju (1939-1945)**. OPSIS, Catalão, v.9, n. 12, jan-jun 2009.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Dias de luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos (Org.). **Getempo: memórias de uma coluna na internet**. Macapá: EdUNIFAP, 2015.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos (Org); MONTEIRO, Vivian Cruz (Org). **Lugares, personagens e outras coisas de Sergipe**. Recife: EDUPE, 2021.

MEDRADO, Thomas Hudson Silva. **O voo do dragão: futebol profissional, elites sergipanas e a Associação Desportiva Confiança**. Orientadora Fernanda Rios Petrarca. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14491>. Acesso em: 05 de fev. 2022.

MELINS, Murilo. **Aracaju como eu vi e vivi: Anos 40 e 50**. Aracaju: Unit, 2007.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional**. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 39, p. 121-151, Editora UFPR, 2003.

OLIVEIRA, Dimas da Cruz. **Segunda Guerra Mundial: grandes batalhas**. São Paulo: Hunter Books, 2015.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)**. Orientador: Prof. Dr. Flávio de Campos. 236 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04022010-130259/publico/MELINA_MIRANDA_PARDINI.pdf. Acesso em: 22 de fev. 2022.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Entre “Rivais”: futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

FONTES

- Correio de Aracaju.** 27 de jan. de 1939, pág 6.
- Correio de Aracaju.** 30 de jan. de 1939, pág. 6.
- Correio de Aracaju.** 07 de abr. 1945. pág. 1.
- Correio de Aracaju.** 05 de março de 1942, pág 5.
- Correio de Aracaju.** 23 de jun. de 1942, pág 4.
- Folha da Manhã.** 26 de jan. de 1943, pág. 4.
- Correio de Aracaju.** 7 de set. de 1907. pág. 2.
- Folha da Manhã.** 14 de set. de 1942. Pág. 4.
- Folha da Manhã.** 18 de agosto de 1942, pág. 1-8.
- Folha da Manhã.** 7 de dez. de 1942, pág. 4.
- Correio de Aracaju.** 15 de fev. de 1939, pág. 6.
- Folha da Manhã.** 20 de fev. de 1940, pág. 1.
- Correio de Aracaju.** 01 de Jan. de 1939, pág 6.
- Correio de Aracaju.** 02 de set. de 1940, pág 2
- Correio de Aracaju.** 20 de jan. de 1939, pág. 6
- Folha da Manhã.** 02 de fev. de 1942, pág 2
- Folha da Manhã.** 04 de fev. de 1942, pág 2
- O Nordeste.** 19 de fev. de 1942, pág 2
- Folha da Manhã.** 19 de fev. de 1942, pág 2
- Folha da Manhã.** 06 de jul. de 1942, pág. 4
- Folha da Manhã.** 09 de jul. de 1941, pág 2
- Correio de Aracaju.** 07 de maio de 1941, pág 2
- Correio de Aracaju.** 23 de mar. de 1942, pág. 5
- Correio de Aracaju.** 23 de mar. de 1942, pág. 5
- Folha da Manhã.** 28 de maio de 1942, pág 2

Folha da Manhã. 11 de nov. de 1941, pág 2

Folha da Manhã. 26 de jan. de 1943, pág 4